

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL
MUNIQUE PEDRO PEREIRA PINTO

**A CONSTRUÇÃO “SE NÃO ME ENGANO” NO PORTUGUÊS DO
BRASIL**

TRÊS LAGOAS - MS

2016

MUNIQUE PEDRO PEREIRA PINTO

**A CONSTRUÇÃO “SE NÃO ME ENGANO” NO PORTUGUÊS DO
BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de concentração: Estudos Linguísticos) do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Taísa Peres de Oliveira

TRÊS LAGOAS – MS

2016

Banca examinadora

Orientadora: Prof^ª Taisa Peres de Oliveira
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS)

1º Examinador: Solange de Carvalho Fortilli
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS)

2º examinador: Joceli Catarina Stasse Sé
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS)

Suplente: Edson Rosa Francisco de Souza
(Universidade Paulista do Estado de São Paulo – UNESP)

Suplente: Vanessa Hagemeyer Burgo
(Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS)

TRÊS LAGOAS

2016

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”. (Marthin Luther King)

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, sobretudo, pela saúde e pela fé que há em mim. Agradeço pelas maravilhas que realiza em minha vida, como a realização deste sonho. E por ter colocado em minha vida pessoas mais que especiais, como meus avós que me mostraram o quão importante é a fé em ti.

À minha orientadora, Prof^a Taísa Peres de Oliveira, pela capacidade de transmitir seu conhecimento em todos os momentos, em nossas reuniões e até mesmo nos e-mails trocados. Minha eterna gratidão pelos diálogos sempre esclarecedores, pela paciência, por acreditar na minha capacidade em realizar esta etapa acadêmica, e, sobretudo, pela ideia do objeto de pesquisa “se não me engano”.

Ao professor Edson Rosa que me abriu as portas da UFMS, me aceitou como aluna especial, iniciando, dessa forma, a realização de um sonho.

À professora Gisele por me receber e me acolher tão bem na UNESP e por compartilhar um pouco do seu vasto conhecimento, mesclando seu profissionalismo com a capacidade de acolhimento e ternura.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Linguísticas da UFMS, pelo embasamento teórico oferecido nas aulas e nos intervalos e a todos os funcionários pela disposição em sempre ajudar e pela eficiência nas tarefas cotidianas.

À Taísa Robuste por todas as sugestões feitas e diálogos trocados na disciplina realizada em Rio Preto, no congresso em Niterói do qual participamos e nas conversas via internet.

A meus pais que me ensinaram desde o início a importância do estudo e, sobretudo, da dedicação. Ensinaram-me o valor de “virar a noite” estudando, pois nas noites em que você, pai, passou estudando, e você, mãe passou o apoiando, aprendi o significado de esforço e apoio; e no dia em que você, pai, passou no concurso, aprendi o valor da recompensa e da fé. Agradeço também pelos esforços e pelo amor incondicional.

A meu irmão por sempre estar presente e disposto a ajudar no que é preciso, me apoiando e incentivando.

Ao meu marido Guilherme, que me apoia há mais de 10 anos, por seu carinho, compreensão e incentivo. Pelo acompanhamento a congressos, a estudos, por me ouvir, e também aceitar minhas análises em todos os momentos em que utiliza o “se não me engano” em suas falas. Pela compreensão dos meus momentos de desespero, de desânimo e de ansiedade. Agradeço simplesmente por existir.

A meus amigos queridos, Laryssa e Danilo, agradeço por sempre estarem dispostos a me ajudar, acompanhando meu esforço e também meu desespero. Vocês acompanharam tudinho, me fizeram companhia na ida aos estágios nas sextas-feiras e à ida, conseqüentemente, à pizzaria. Agradeço por estarem sempre prontos a ouvirem meus ensaios para apresentações, minhas teorias “mirabolantes”, minhas análises constantes sobre o uso do “se não me engano” na fala de vocês.

À capes pela bolsa de estudos durante todo o mestrado.

RESUMO

PINTO, M. P. P. **A construção "se não me engano" no Português do Brasil**. Três Lagoas: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2016. (90 p.) Dissertação de Mestrado. (Orientação: OLIVEIRA, T. P.)

Esta dissertação teve como objetivo analisar a estrutura “Se não me engano”, que, embora tradicionalmente concebida e analisada como oração condicional prototípica, tem sido utilizada diferentemente desse estatuto, sendo que a nova função é a de relativizar uma proposição, aos moldes de um modalizador epistêmico, ou seja, a construção é utilizada, entre os falantes, como uma estratégia de descomprometimento sobre a verdade do que enuncia. Dessa forma, este trabalho compreende a estrutura “se não me engano” como uma construção, já que nos termos de Goldberg “C é uma construção se C é um par forma/significado” cuja forma esquemática “se não me engano” convencionalizou um novo significado, o de modalizador epistêmico. A fim de verificar se a construção realmente sofreu a mudança de função perdendo os traços da condicional prototípica, testou-se os parâmetros básicos da condicionalidade, conforme Dancygier (1998): I) causalidade; II) não assertividade da construção; III) predição; IV) distância epistêmica e V) construção de Espaços mentais, bem como investigou-se as características dos modalizadores, de acordo com Dall’aglio-Hattner et al (2001). Por fim, no âmbito da construcionalização, verificou-se a convencionalização da construção, uma das hipóteses que norteou esta pesquisa foi a que a estrutura “se não me engano” é um novo pareamento de forma e significado, e a construção “se não me engano” está convencionalizada entre os falantes como um modalizador epistêmico, não presente no significado das condicionais prototípicas. Os dados foram coletados no Banco de dados do *Corpus* do Português <corpusdoportugues.org> e do *Corpus* Mínimo do Projeto NURC. Verificou-se que a estrutura "se não me engano" pertence ao estatuto dos modalizadores epistêmicos.

Palavras-chave: mudança construcional, construção, condicionalidade, modalização.

Abstract

This thesis aims to analyze the structure "If I'm not mistaken," more traditionally designed and analyzed as prototypical conditional sentence, however, the investigation of the collected data shows that the construction has been used unlike conditional prototypical, the conventionalized function is to relativize a proposition, as well as operates an epistemic modalizer, in other words, the construction is used, among the speakers, as a disengagement strategy for the truth of what states. Thus, this work comprises the structure "If I'm not mistaken" like a building, according to Goldberg "C is a building if C is a pair shape / direction" which schematically "If I'm not mistaken" conventionalized a new meaning, the modalizer epistemic. In order to verify that the construction actually suffered the change function losing the traces of conditional prototypical, we intend to test the basic parameters of conditionality, as Dancygier (1998): I) causality; II) not assertiveness construction; III) prediction; IV) epistemic distance and V) construction of mental spaces and investigate the characteristics of modalizers Dall'Aglio-Hattner et al (2001).

Finally, under the constructionalization, aims to verify the conventionalization construction, one of the assumptions that guide this research is that the structure "If I'm not mistaken" is a new pairing of form and meaning, and the construction "If I'm not mistaken" is conventionalized between speakers as an epistemic modalizer, not present in the meaning of the prototypical conditional. Data were collected at the Bank of the Portuguese Corpus data <corpusdoportugues.org> and Corpus Minimum of NURC Project. It is hoped that this work check if the structure "If I'm not mistaken" belongs to the status of conditional or belongs to the status of epistemic modalizers.

Keywords: constructional change, construction, conditionality, modalization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----------|
| Figura 1: Espaços mentais nas construções condicionais..... | 56 |
| Figura 2: Pareamento Forma e Significado na construção..... | 75 |
| Figura 3: A esquematicidade da construção “se não me engano” | 80 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----------|
| Quadro 1: Elementos constituintes de uma condicional | 45 |
| Quadro 2: Relação de causalidade nas condicionais prototípicas e em “se não me engano” | 49 |
| Quadro 3: A substituição da estrutura “se não me engano” por modalizadores epistêmicos - ocorrência (63)..... | 70 |
| Quadro 4: A substituição da estrutura “se não me engano” por modalizadores epistêmicos – ocorrência (64)..... | 70 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|-----------|
| Gráfico 1: As posições da construção “se não me engano” em relação à oração principal – corpus do português..... | 62 |
| Gráfico 2: As posições da construção “se não me engano” em relação à oração principal – Projeto NURC | 63 |
| Gráfico 3: Comparativo entre “se não me engano” e “se eu” não me engano” – corpus do português | 76 |
| Gráfico 4: Comparativo entre “se não me engano” e “se eu” não me engano” – Projeto NURC | 76 |
| Gráfico 5: Comparativo entre “se não me engano” e expressões semelhantes..... | 78 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----------|
| Tabela 1: Projeção de espaços mentais nas condicionais prototípicas | 57 |
| Tabela 2: Projeção de espaço mental – “se não me engano” | 58 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| RESUMO..... | 07 |
| ABSTRACT | 08 |
| LISTA DE ILUSTRAÇÕES..... | 09 |
| INTRODUÇÃO | 12 |
| 1. Fundamentação Teórica..... | 15 |
| 1.1 A visão funcional da linguagem..... | 15 |
| 1.2 Abordagem Construcional..... | 16 |
| 1.2.1 Construções: pareamento de forma e significado..... | 16 |
| 1.2.2 Mudança Construcional..... | 19 |
| 1.2.2.1 Convencionalização | 20 |
| 2. Condicionalidade | 22 |
| 2.1 Causalidade | 25 |
| 2.2 Não Assertividade | 28 |
| 2.3 Predição | 30 |
| 2.4 Distância Epistêmica | 31 |
| 2.5 Espaços Mentais | 32 |
| 3. Modalização Epistêmica e Evidencialidade | 34 |
| 3.1 Modalização Epistêmica..... | 35 |
| 3.2 Evidencialidade..... | 39 |
| 4. Metodologia..... | 41 |
| 4.1 Parâmetros de análise | 42 |
| 4.1.1 Posição da construção em relação ao núcleo..... | 42 |
| 4.1.2 Parâmetro de condicionalidade..... | 43 |
| 4.1.3 Mudança construcional: redução do pronome eu | 43 |
| 4.1.4 Convencionalização | 43 |
| 4.1.5 Modalizador epistêmico | 44 |

| | |
|---|-----------|
| 5. Análise de dados | 45 |
| 5.1 A expressão “se não me engano” e os traços de condicionalidade | 45 |
| 5.1.1 Causalidade | 46 |
| 5.1.2 Predição..... | 50 |
| 5.1.3 Não assertividade..... | 52 |
| 5.1.4 Distância epistêmica | 54 |
| 5.1.5 Espaços mentais | 55 |
| 5.2 A posição da construção nas orações: anteposta, intercala ou posposta. | 60 |
| 5.3 O modalizador epistêmico “se não me engano” | 66 |
| 5.4 Evidencialidade | 72 |
| 5.5 Redução do material fônico: passo gradual de mudança..... | 74 |
| 5.6 Convencionalização..... | 77 |
| | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 85 |
| | |
| REFERÊNCIAS | 87 |

INTRODUÇÃO

Investiga-se, nesta dissertação, a estrutura “se não me engano”, tradicionalmente concebida e analisada como uma oração condicional. Estudos na língua portuguesa, tais como Neves (2000, p. 852), tratam a estrutura “se não me engano” como condicional eventual. Para a autora, a estrutura pertence à classe das condicionais eventuais, cujo verbo da subordinada mostra-se no modo indicativo ou no subjuntivo e o verbo da oração principal no presente, passado ou futuro. Para exemplificar esse tipo de condicional, a autora utiliza a estrutura “se não me engano”:

(01) "Também ouvi, **se não me engano**". (NEVES, 2000, p.854)

Ou seja, o tratamento dado à estrutura sob análise é o de condicional, mais especificamente, de condicional eventual. Do mesmo modo, em Ferreira (2007, p. 135) a estrutura também é tratada como condicional. De acordo com a autora, “se não me engano” é uma condicional cuja estratégia é a de interrupção do discurso: "A condicional em narrativas também pode se apresentar como uma estratégia de interrupção do discurso, sob forma de um comentário". A autora apresenta a seguinte ocorrência:

(02) “eu vou contar ...sobre um assalto ... de uma amiga que a/ da minha mãe que ela...sofreu... ela estava com a irmã dela... ela já é uma senhora... ela estava com a irmã dela e ela frequenta muito a Universal... **se eu não me engano** ela estava indo pra igreja... (L.F./P.B./D&G/RJ/2ºg/NR) (FERREIRA, 2007, p. 135)

Assim, o que se nota é que a expressão “se não me engano” sempre foi concebida e pensada como uma condicional qualquer. No entanto, parece-nos que a funcionalidade dessa estrutura em situações comunicativas difere-se da classificação de condicional a ela atribuída. Faz-se necessário, dessa forma, um trabalho que investigue a estrutura "se não me engano" a fim de verificar se a mesma sofreu alteração de funcionalidade. Para tanto, são adotadas como objeto de estudo as ocorrências com a estrutura “se não me engano” como:

(03) “**Se não me engano**, foi o Miguel Lemos” (DID 45).

(04) “Dá-se o seguinte: há um presidente, vice- presidente e, **se não me engano**, há três comissões”. (DID 284).

O que se vê nas ocorrências é algo muito mais próximo do campo da modalização, uma vez que sua função parece estar ligada à relativização de uma proposição, em outras palavras, o falante não se compromete com a verdade do que diz.

Em (03) ao utilizar a estrutura “se não me engano” o falante enuncia uma proposição e, no processo, busca não se comprometer com a verdade do que enuncia, ou seja, o falante nega certeza do conhecimento da informação e, ao fazê-lo, afasta-se de sua verdade. O mesmo se nota em (04), em que a estrutura “se não me engano” marca a atitude do falante em relação à verdade da proposição (existir três comissões). Assim, o falante ao utilizar a condicional “se não me engano” revela sua incerteza sobre o que foi dito.

Nesse contexto, faz-se necessária uma investigação que considera a estrutura “se não me engano” no que diz respeito à sua funcionalidade em situações comunicativas, uma vez que apesar de estar classificada como condicional, percebemos que a estrutura marca valores ligados ao campo da modalidade, distanciando-se do significado das condicionais prototípicas.

Nesse sentido, o objetivo geral desta dissertação é investigar a estrutura “se não me engano” a partir da teoria funcionalista associada à abordagem construcional. Como resultado principal pretende-se avaliar se a expressão “se não me engano” perdeu os traços de condicionalidade, assumindo características de modalizador epistêmico.

Este trabalho ancora-se em princípios do funcionalismo cognitivista (DANCYGIER, 1998; DANCIGYER, SWEETSER, 2005; BYBEE, 2010; NEVES, 2002, 2011), que concebe a língua como um instrumento de interação social e analisa a relação entre linguagem e uso. Considera-se, também, a abordagem construcional (GOLDBERG, 1995; 2006; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

A fim de cumprir os objetivos apontados, a presente dissertação se organiza em seis capítulos. O primeiro capítulo abarca a fundamentação teórica, discutindo sobre a visão funcionalista da linguagem, da gramática, bem como sobre a abordagem das construções.

O segundo capítulo parte da hipótese de que “se não me engano” deixou de exercer função de condicional, uma vez que perde os traços de condicionalidade, dessa forma, pretende-se nesta parte do trabalho analisar os traços de condicionalidade conforme Dancygier (1998): (i) causalidade, (ii) não assertividade, (iii) predição, (iv) distância epistêmica e (v) construção de espaços mentais.

No terceiro capítulo são apresentados os principais pressupostos teóricos acerca da evidencialidade e da modalização, especificamente acerca da modalização epistêmica, bem

como o apontamento dos traços da modalidade epistêmica em “se não me engano”, já que se percebe que o falante utiliza a estrutura referida para marcar o distanciamento sobre a verdade do que enuncia, ou seja, utiliza a expressão para marcar o grau de certeza sobre os fatos enunciados por ele.

O quarto capítulo é composto pelo aparato metodológico que direciona este trabalho, caracteriza-se, portanto, o corpus utilizado para o estudo, sendo ele o *corpus* do português e o *corpus* mínimo do Projeto NURC, bem como aponta-se os parâmetros de análise utilizados neste trabalho e os objetivos pretendidos através destes.

Finalmente, no quinto capítulo, têm-se a análise qualitativa e quantitativa do objeto de pesquisa, analisando os parâmetros de condicionalidade, a influência da posição da estrutura “se não me engano” quanto à oração núcleo, a redução do pronome “eu” compreendida como uma evidência de mudança construcional e, por fim, a análise da convencionalização.

No último capítulo, dedicado às conclusões, faz-se a sistematização dos resultados, para confirmação ou não confirmação da hipótese de que “se não me engano” passou por mudanças e está convencionalizada entre os falantes como um modalizador epistêmico.

As análises desenvolvidas nesta dissertação corroboram a compreensão da estrutura “se não me engano” como portadora de uma nova função. Estudos com esse direcionamento são pouco produtivos na língua portuguesa, portanto, espera-se que a análise da estrutura neste trabalho contribua para as pesquisas no campo das condicionais e da gramática de construções.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1.A VISÃO FUNCIONAL DA LINGUAGEM

Esta dissertação baseia-se na visão funcionalista por compreender a linguagem como um mecanismo de interação social. Assim, a análise de estruturas linguísticas parte da compreensão de que o caráter funcional da linguagem é fundamental para explicar sua estrutura.

O funcionalismo é uma teoria que analisa como a gramática se organiza a partir das situações reais de uso. Isto implica dizer que a abordagem funcionalista da linguagem vai se ocupar de explicar o funcionamento sistemático das línguas considerando o modo como elas servem aos propósitos da comunicação e quais efeitos o uso tem sobre o sistema. Neste sentido o objetivo básico do tratamento funcionalista é buscar a relação entre a forma e a função. Nos termos de Neves (2006, p. 17), "o funcionalismo se ocupa, exatamente, das funções dos meios linguísticos de expressão".

O paradigma funcionalista conforme diferentes abordagens, levando à existência de diferentes tipos de funcionalismo.

Em geral, independente da abordagem, o funcionalismo compreende, segundo Neves (1994, p. 124):

o que caracteriza a concepção de linguagem defendida pela gramática funcional é seu caráter não apenas funcional como também dinâmico. A linguagem é funcional porque não separa o sistema linguístico e suas peças das funções que têm de preencher, e é dinâmica porque reconhece, na instabilidade da relação entre estrutura e função, a força dinâmica que está por detrás do constante desenvolvimento da linguagem.

São essas as concepções que embasam esta dissertação, pois compreende-se, neste trabalho, a linguagem como um meio para interação social, e acredita-se que a forma (gramática) deve estar em conjunto com a função, ou seja, forma e função estão diretamente relacionadas.

Esta dissertação não se baseia em uma abordagem funcionalista específica, mas assume os princípios funcionalistas mais gerais, ao propor a análise da estrutura "se não me engano" considerando sua função dentro de situações reais de comunicação - língua em uso.

Afinal, uma gramática funcional objetiva a descrição gramatical das regularidades observadas no uso da língua, em outras palavras, para fins de comunicação. Uma descrição estritamente estrutural não é adequada, uma vez que, o funcionalismo compreende que os elementos constituintes de determinada proposição apresentam muitas funções, não sendo possível, portanto, uma descrição estrutura da língua, limitada ao apontamento das funções

gramaticais (NEVES, 2010). É necessário, em uma análise linguística, considerar todos os elementos envolvidos no contexto de comunicação, como, por exemplo, o falante, o ouvinte, os fatores extralinguísticos. Segundo Neves (1997, p. 16),

uma gramática funcional tem sempre em consideração o uso das expressões linguísticas na interação verbal, o que pressupõe certa pragmatização do componente sintático-semântico do modelo linguístico. Essa visão é a que se encontra, desde o começo do século, na Escola Linguística de Praga.

Em outras palavras, a estrutura da gramática está relacionada ao uso da língua, portanto, são as situações de comunicação que motivam a estrutura.

A gramática, na visão funcionalista, adapta-se às necessidades comunicativas do falante. A estrutura (forma) está ligada às necessidades e objetivos comunicativos, nos termos de Halliday (1994) a forma e o processo da língua representam o meio utilizado para se alcançar determinado objetivo. Neves (2012) afirma, sobre a gramática, que não é possível reduzir e definir a gramática da língua elaborando um esquema de categorias, pois, na gramática funcional as classes de categorias referem-se a funções. Pode-se afirmar, portanto, que, segundo a visão funcionalista, a linguagem é motivada pelas situações de uso, pelas necessidades comunicativas.

Neste sentido, a presente dissertação analisa a estrutura "se não me engano" sob a concepção da língua em função, que permite analisar a funcionalidade das estruturas e do real uso da língua, uma vez que é insuficiente uma descrição estritamente formal dessa estrutura.

1.2. ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

Esta dissertação assenta-se, especialmente, na abordagem construcionista, interessando-nos, especialmente, a construcionalização. A construcionalização vem interessando ao funcionalismo, uma vez que esses pressupostos se mostram altamente produtivos para as investigações acerca da mudança gramatical dentro de uma abordagem que considera o uso linguístico como o verdadeiro regulador do modo como o sistema se organiza.

1.2.1 CONSTRUÇÕES: PAREAMENTO DE FORMA E SIGNIFICADO

De modo geral, construções são pareamentos convencionalizados de forma e função semântica ou discursiva, podendo ser, dessa forma, morfemas, expressões idiomáticas, padrões preenchidos parcialmente pelo léxico e padrões frasais mais gerais (Goldberg, 2006; Bybee 2010; Traugott e Trousdale, 2013). Neste direcionamento, Goldberg (2006) defende que todas as estruturas linguísticas podem ser compreendidas como construções. Ainda,

complementando a conceituação das construções, Dancygier (1998, p.5) afirma que as construções serão compreendidas como tais, somente se uma forma específica estiver relacionada a um significado próprio: “mas, em qualquer construção particular, os padrões selecionados são associados a um significado especial (semântico, pragmático ou ambos)”.¹

Neste sentido, Goldberg (1995, p. 4) afirma que “C é uma construção se C é um par forma/sentido”.² Assim, pode-se dizer que a construção é compreendida, por ela, e, também, por Traugott e Trousdale (2013), como um pareamento, cujo significado é próprio, esquemático, ou seja, o significado independe das palavras que compõem a construção, funcionando, pois, como um esquema.

Além disso, Goldberg (1995; 2006) diz ainda que uma unidade linguística somente pode ser reconhecida como construção quando algum aspecto da sua forma ou da sua função não é dado pelos elementos isolados que compõem o esquema. Ou seja, o significado é convencionalizado na forma e é não composicional.

Segundo Bybee (2010), uma construção se forma a partir do momento em que itens lexicais sequenciados começam a formar unidades linguísticas complexas. A repetição dessa unidade faz com que a construção seja compreendida como um esquema, isto é, os elementos da estrutura são armazenados em determinada sequência na memória (chunking). Assim, o encadeamento (chunking) refere-se à relação da sequência fixa de duas ou mais palavras unidas em uma sentença com um determinado significado. Essa relação vai se tornando mais forte à medida que a sentença se torna mais frequente. (BYBEE, 2010). Em outras palavras o chunking pode ser compreendido como um encadeamento de elementos que co-ocorrem com determinada frequência e se fixa com certo valor semântico-pragmático.

Para Bybee (2010, p. 35), determinada expressão é convencionalizada se tiver sido estabelecida em uma comunidade, por meio da repetição, como a forma adequada de dizer algo. Um exemplo apresentado pela autora é a expressão “como você está”, em que mais de duas palavras são utilizadas pelos falantes juntas frequentemente, desencadeando, portanto, uma relação de sequência, cuja expressão “como você está?” funciona independentemente, como uma unidade.

Goldberg (1995) diferencia as construções em lexicais e sintáticas segundo a complexidade interna de cada uma. Assim, pode-se dizer que existem construções mais abertas (com slots a serem preenchidos) e construções mais especificadas (slots parcialmente

¹ “but in any particular construction the selected patterns are associated with special meaning (semantic, pragmatic, or both)”.

² “C is a construction if C is a form-meaning pair”

preenchidos e totalmente preenchidos). Ao enunciar uma proposição o falante seleciona itens lexicais e construções armazenadas no léxico, sendo que cada um desses itens está ligado ao significado, estes podem ser de forma inteiramente inovadora (construções abertas), de forma lexicalizada em algum nível (construções parcialmente especificadas) e de forma totalmente idiomática (construções inteiramente especificadas).

Cunha (2013, p. 81) exemplifica esse grau de complexidade por meio dos exemplos “sujeito + predicado” e “quanto mais x, mais y”, para ela o primeiro exemplo consiste uma construção aberta, em que os slots não estão preenchidos, já o segundo é, para a autora, uma construção parcialmente especificada, afinal, é possível o preenchimento dos slots x e y.

Além dos exemplos de Cunha temos a construção parcialmente especificada “mais X que Y” retirada do nosso corpus:

(05) “mais alto que o menino”. (19:Fic:Br:Aguiar:Corpo)

Na forma “mais X que Y” os slots X (alto) e Y (o menino) podem ser preenchidos, como na ocorrência (05), sendo que esses slots poderiam ser substituídos por outras palavras, por exemplo, pelas formas inútil (x) e pente de um careca (y), criando, dessa forma, novas construções com novos significados: “mais inútil que pente de um careca”.

Sobre as construções mais especificadas, Cunha (2013) ilustra as totalmente idiomáticas por meio da estrutura “vai com Deus”, percebe-se que a expressão não apresenta slots a serem preenchidos, ou seja, é totalmente especificada, a estrutura idiomática levará ao sentido específico, não há slots abertos, como ocorre no exemplo “quanto mais x, mais y”.

Percebe-se que tanto nas construções mais abertas quanto nas mais especificadas há uma relação baseada no uso, em que as construções apresentam um elo entre forma e significado, sendo que não há outra estrutura para expressar determinado conteúdo.

Apesar da presente dissertação basear-se principalmente na proposta de Goldberg (1995), que compreende basicamente que a língua é constituída por construções gramaticais (entidades teóricas), sendo estas, entendidas pela autora, como unidades básicas da linguagem, faz-se necessário descrever os dois vieses da abordagem construcionista: a mudança construcional e a construcionalização.

Esta dissertação não se aprofundará sobre a construcionalização, pois isto exigiria uma pesquisa diacrônica, diferente do que se desenvolve neste trabalho (sincrônica). Porém, nesta dissertação, apresentar-se-á algumas considerações sobre a mudança construcional.

Sobre mudança construcional, pretende-se discutir alguns fatores com o objetivo de relacionar a redução do material fônico (pronomes em primeira pessoa – eu) da construção “se eu não me engano” com a mudança construcional, a fim de verificar se isto consiste em um passo gradual de mudança, conforme Traugott e Trousdale (2013).

1.2.2. MUDANÇA CONSTRUCIONAL

Traugott e Trousdale (2013, p. 17), afirmam que a mudança construcional ocorre no momento em que são construídas novas associações acarretando, dessa forma, em categorizações provisórias não disponíveis na língua anteriormente. Nas palavras das autoras:

Mudança Construcional acontece quando novas associações entre os construtos e construções surgem ao longo do tempo, ou seja, quando a replicação de símbolos leva a categorizações provisórias que não estavam disponíveis para usuários da linguagem antes e pode, portanto, ser chamado de novo. (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, P. 17).³

Ademais, Traugott e Trousdale (2013) argumentam que para haver a criação de um novo nó, a convencionalização da construção entre os falantes deve acontecer, sendo que inovações pontuais ou restritas a um falante ou ouvinte específico (redes individuais) não podem ser consideradas como casos de mudança construcional.

Portanto, para a confirmação da mudança deve-se constatar a convencionalização da construção em questão: as modificações no significado ou na forma são compartilhadas e replicadas na rede linguística dos falantes. Na convencionalização, os falantes concebem determinado elemento com uma nova função, ou seja, os falantes alteram uma dimensão específica com o objetivo de estabelecer a categorização provisória de algo.

1.2.2.1. CONVENCIONALIZAÇÃO

Traugott e Trousdale (2013) afirmam que a mudança não acontece até que a construção seja repetidamente utilizada de forma a tornar-se um sinal convencional e compartilhado entre os falantes, pois “inicialmente a persistência está na memória do indivíduo, mas em instâncias de mudança, a mudança de construto para construção é produto não apenas da memória, mas do uso repetido por um número crescente de pessoas usando o mesmo tipo de inovação ao

³ “Constructional change begins when new associations between constructs and constructions emerge over time, i.e. when replication of tokens leads to provisional categorizations that were not available to language-users before and can therefore be called ‘new’”.

longo do tempo...”.⁴ (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013, p. 52). Assim, a conclusão a que se chega é de que é necessário que diversos falantes façam uso dessa categorização provisória, pois somente desse modo a mudança de fato acontecerá. Fica claro que a frequência de uso de uma palavra ou construção determina a extensão em que ela está enraizada ou armazenada como um esquema (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). Daí se nota a visão funcionalista da linguagem, uma vez que admite-se que o sistema se molda pelo modo como os indivíduos usam a linguagem.

Nesta direção, para se verificar se uma construção está convencionalizada entre os falantes, os autores propõem um grupo de fatores: esquematicidade, composicionalidade e produtividade. Para Traugott (2008), a convencionalização leva ao aumento da esquematicidade, à redução da composicionalidade e à expansão da produtividade.

O aumento de esquematicidade acontece quando o significado de determinada expressão vai tornando-se mais abstrato e procedural no contexto de mudança. Em outras palavras, existe um *continuum* entre as expressões idiomáticas preenchidas lexicalmente dividido por Traugott (2008) em quatro níveis: macroconstrução, mesoconstruções, microconstruções e constructos.

As macroconstruções referem-se a construções esquemáticas, altamente abstratas, diz respeito àquelas construções mais genéricas e, também àquelas estruturas com slots totalmente abertos, ou seja, com várias possibilidades de preenchimento.

As mesoconstruções, segundo Traugott (2008) são grupos de construções abstratas que apresentam relação, tendo a semântica e/ou sintaxe semelhante. Definem-se por não terem mobilidade de seus constituintes. Portanto, para ser compreendida como uma mesoconstrução, uma unidade linguística não pode sofrer variação sintática de seus componentes.

As microconstruções são tipos individuais de construção, integram esse nível estruturas que funcionam como tipos individuais de construções e, cujo sentido transmitido é bastante convencional. Um exemplo deste nível de esquematicidade é a construção “taí” alcançada pelos falantes devido a junção de “estar” + “aí”. Em outras palavras a construção não estava disponível na língua, foi convencionalizada pelos falantes, tornando se, devido a repetição, um tipo individual de construção altamente esquemática.

E por fim, os constructos referem-se a tokens das microconstruções que já são empiricamente comprovados.

⁴ “Initially persistence is in the memory of the individual, but in instances of change, the shift from construct to construction is the product not just of memory but of repeated use as increasing numbers of individuals use the same kind of innovation over time”.

O segundo fator de mudança consiste na redução de composicionalidade, que acontece quando a soma das partes da construção não leva ao seu significado, esta propriedade refere-se, especificamente, ao grau de transparência da relação entre forma e significado. Em outras palavras, quando o sentido de uma construção não pode ser dado a partir de seus constituintes, afirma-se que seu valor semântico é não composicional. Ao contrário, quando as partes constituintes da expressão predizem o significado total da mesma tem-se a composicionalidade. No exemplo a seguir pode-se observar a redução de composicionalidade:

(06) “Vá-se embora, senhor; não me faça perder a paciência. Suma-se, suma-se. Miguel - Eu quero saber o nome desse homem, e daqui não sairei, enquanto não arrancar do seu poder aquela mulher. Vicente - Mau, mau, o senhor está me fazendo **perder as estribeiras**. (18:França:Amor)

A expressão “perder as estribeiras” refere-se a uma construção cuja composicionalidade é baixíssima, isso acontece pois a soma de seus constituintes não indicam o significado total da expressão.

E por fim, como último critério para avaliar uma mudança construcional, Traugott (2008) e Traugott e Trousdale (2013) apontam a produtividade, compreendida como aumento da frequência type de uma construção. Dessa maneira, os autores sugerem que para efetuar a análise da produtividade de uma construção é necessária a verificação da frequência de uso da construção, o que pode indicar seu estatuto gramatical.

Neste capítulo, apresentou-se a importância da convencionalização de uma estrutura entre os falantes, para que ela se confirme como construção, bem como indicou-se o modo como se atesta o estatuto de construção de determinada expressão linguística, o que se pretende fazer com o objeto de análise desta dissertação, a oração condicional “se não me engano”.

2. CONDICIONALIDADE

Este capítulo busca discutir a caracterização geral das condicionais a partir do estudo de Dancygier (1998), Dancygier e Sweetser (2005), bem como discutir os parâmetros definidores da condicionalidade, compreendida neste trabalho como uma categoria conceitual. Nosso objetivo, assim, é verificar até que ponto a condicional “se não me engano” pode ser compreendida como um exemplar representante da condicionalidade. Ou seja, ao discutir os chamados parâmetros de condicionalidade, pretende-se verificar de que modo eles se manifestam no significado expresso pela condicional “se não me engano”.

Diversos estudiosos como Comrie (1988), Sweetser (1990), Dancygier (1998), Neves (2000), conceituam as condicionais com base na relação de causalidade transmitida pela expressão “se p (então) q ” a partir da qual se lê que uma oração oferece condição para realização/validação da verdade de outra oração. Em outras palavras, a oração p fornece condição para que a oração q se realize, apresentando a oração condicional como a situação condicionante condição da qual depende a realização da oração principal. Essa pode ser considerada a definição mais geral para as orações condicionais, presente, de certo modo, em todos os tratados sobre esse tipo oracional.

Neves (2010) afirma que as condicionais referem-se à existência de uma hipótese verificável. Em outras palavras, nelas verifica-se uma condição suficiente para a validação do conteúdo da proposição, como mostra o exemplo a seguir:

(07) “**Se** você quer descansar, pode ir para a barraca”. (19:Fic:Pt:Castro:Selva)

Nesse caso, o evento contido na prótase condiciona a realização do evento contido na apódose. Ou seja, a proposição *ir para a barraca* somente será validado se o evento da prótase *quiser descansar* for realizado.

A relação estabelecida entre p e q , tal como descrita acima, pode apresentar diferentes graus de hipoteticidade, levando a diferentes tipos de proposição. É assim que autores classificam as condicionais em factuais, eventuais e contrafactuais. As condicionais factuais são aquelas integrantes do mundo real (consideradas reais), elas descrevem uma condição

mais próxima à realidade. As condicionais contrafactuais, por sua vez, seriam aquelas que descrevem um evento irreal, concebido como algo que não se realizou. No meio desse *continuum* de hipotecidade estariam as condicionais eventuais, que descrevem um evento aberto, potencial.

(08) "Se você não confia em mim, porque é que está perguntando?" (NEVES, 2000, p. 849)

(09) "Se tiver tempo, ainda passo pela Lua de Mel para comprar as tuas empadas".(19:Fic:Pt:Ferro:Tudo)

(10) "Se eu fosse você, passava a andar de táxi especial e apresentava a conta a a concessionária". (19N:Br:Folha)

Na primeira ocorrência os verbos no modo indicativo (confia, está) expressam factualidade.

Em (09) a leitura da oração condicional "se tiver tempo" transmite hipotecidade, em outras palavras, não há certeza que o fato "ter tempo" irá acontecer, portanto a realização do fato seguinte (comprar as tuas empadas) é dependente da não confirmação da oração anterior.

Na ocorrência (10), a realização do evento contido na prótase é impossível, ou seja, o conteúdo é não factual, uma vez que não é possível alguém deixar de ser ele mesmo para se tornar outra pessoa.

Dancygier (1998), assentada numa visão funcional cognitivista, afirma que as orações condicionais devem ser definidas a partir de um conjunto de critérios. Para essa autora, a condicional deve ser entendida como uma construção, na qual os vários aspectos formais e semântico-pragmáticos se relacionam de forma convencional para construir o significado de condição. Assim, a autora concebe o significado condicional como resultado da convencionalização da relação entre estrutura e sua interpretação semântico-pragmática. A partir daí, a autora concebe a condicionalidade como uma categoria organizada em termos de parâmetros de condicionalidade.

Nesta abordagem, que se assume como central nesta dissertação, cada aspecto de um enunciado colabora para sua respectiva interpretação. A lição que se tira, portanto, é que a estrutura e o significado condicional não existem separadamente. Neste caso, assume-se com Bybee (2010) que o sistema linguístico pode ser entendido como uma rede construcional: a convencionalização da relação entre a estrutura linguística e seu significado (interpretação).

Nas palavras de Dancygier (1998, p. 4), para se chegar a uma compreensão mais completa do significado condicional “(...) é necessário descobrir os parâmetros do significado condicional bem como os parâmetros da forma condicional e ver como eles se correlacionam”.⁵ Isto implica dizer que é necessário mostrar nas condicionais quais traços as mesmas compartilham, além do esquema *se p, q* (DANCYGIER, 1998).

Nesse sentido que Dancygier (1998) propõe compreender a condicionalidade como uma categoria e aponta parâmetros de condicionalidade para a compreensão do significado expresso pelas condicionais. Esses parâmetros podem ser mais ou menos evidentes, revelando, assim, quais estruturas são mais prototípicas e quais são mais periféricas, ou seja, aquelas mais próximas e aquelas mais distantes da categoria das condicionais.

Os parâmetros, neste sentido, contribuirão para que seja possível refletir sobre o que motiva a significação das condicionais. Conforme Dancygier (1998, p. 4), “temos que mostrar como eles são motivados composicionalmente. Assim, é necessário que se descubra quais aspectos formais de condicionais são relevantes para quais aspectos de sua interpretação”⁶. Nas palavras da autora (1998, p.5):

A forma em que as construções recebem interpretações não é totalmente composicional, mas a não previsível informação semântica e pragmática é, de fato, associado à características formais da construção numa maneira convencional. Portanto, uma descrição de uma construção envolve uma explicação de como as suas características estruturais e lexicais são mapeados em aspectos de interpretação de maneira que poderão ser específicos de construção.⁷

Para compreender essa relação entre forma e significado, Dancygier (1998) propõe os parâmetros de condicionalidade. Com o auxílio destes parâmetros pode-se identificar as divergências existentes entre os tipos de condicionais, identificando os pontos que as aproximam ou que as distanciam da categoria.

Assim, a autora afirma que a interpretação condicional é gerada pela interação de vários parâmetros: a relação causal entre prótase e apódose, a não-assertividade marcada na prótase, a possibilidade de criação de espaços mentais, as relações epistêmicas e a sequencialidade.

⁵ “(...) we need to discover the parameters of conditional meaning as well as the parameters of conditional form and see how they correlate.”

⁶ (...) we have to show how they are motivated compositionally. So we have to find out which formal aspects of conditionals are relevant to which aspects of their interpretation.

⁷ The way in which constructions receive their interpretations is not fully compositional, but the non-predictable semantic and pragmatic information is in fact associated with the formal features of the construction in a conventional way. Therefore, a description of a construction involves an explanation of how its lexical and structural features are mapped onto aspects of interpretation in ways that may be construction-specific.

Esse pressuposto é fundamental para este trabalho, uma vez que nesta dissertação tem-se a hipótese de que a construção “se não me engano” tem um significado mais distante da significação prototípica de condicionalidade, e para verificar esta suposição, considerar-se-á os parâmetros propostos por Dancygier (1998): (i) Causalidade, (ii) Não-Assertividade, (iii) Predição, (iv) Distância Epistêmica e (v) Espaços mentais.

2.1. Causalidade

A significação da oração condicional está fundamentada sobre uma base causal hipotética. Nesse contexto, o papel principal da condicional é transmitir uma relação de causalidade não preenchida, que envolve dois enunciados, respectivamente denominados prótase e apódose na tradição clássica, e que se manifesta conforme fatores semântico-pragmáticos distintos, como demonstram as tipologias de Sweetser (1990), Dancygier (1998), Dancygier e Sweetser (2005).

Sweetser (1990) e Dancygier (1998) assumem que o significado condicional pode ser interpretado em diferentes domínios cognitivos: de conteúdo, epistêmico, de atos de fala ou metatextual. Segundo Dancygier (1998, p. 7) condicionais “são descritas como construções em que cláusulas são conectadas por tipos específicos de relações [...] A natureza das relações, por sua vez, depende do domínio cognitivo”.

As condicionais de conteúdo trazem traços da causalidade que são marcados pelo modo como os eventos estão organizados. A sequencialidade é um fator essencial nesse tipo de condicional, já que os eventos descritos nela se ligam numa relação de causa e efeito. Assim, pode-se dizer que nesse tipo de condicional, tem-se a seguinte leitura: “ao considerar a realidade do evento condicionante tem-se, em seguida, a realidade do evento principal”. É o que se pode observar em exemplos como:

(11) “... **SE** chover, a colheita será má...”. (19Or:Pt:Intrv:Jrnl)

Em (11) o que se observa é a descrição do evento “Se chover” como a causa não realizada para a realização do evento “a colheita será má”, concebida como consequência do preenchimento da situação condicionante. Em outras palavras, o evento enunciado na oração condicional é concebido como a causa do evento descrito pela oração núcleo. Nota-se, ainda, que nesse tipo de condicional há uma sequencialidade entre os eventos envolvidos, já que a sucessão temporal é determinante para o tipo de relação existente na sentença.

Dancygier (1998) afirma que esse tipo de condicional tem sua base de significação assentada na observação de uma situação concreta, por isso, esse tipo de condicional é menos subjetiva, assim, seu significado aqui está mais próximo do campo da causalidade.

Nas condicionais epistêmicas, como na oração (12), o significado parece estar baseado nas crenças e atitudes do falante acerca de seu enunciado. Neste tipo de condicional, o conhecimento que o falante tem sobre o fato descrito pela oração condicional o leva à provável conclusão apresentada na oração núcleo. É o que mostra o seguinte exemplo:

(12) “... A saúde é a parte principal que faz falta, porque, **SE** a pessoa não tiver saúde, não tem alegria, não tem nada...”. (19Or:Pt:Cordial)

Na ocorrência (12), o conhecimento do falante sobre o fato “a pessoa não tiver saúde” é que o leva a constatar como possível consequência o fato seguinte “não tem alegria, não tem nada”. Ou seja, essa relação está apoiada na avaliação que o falante faz sobre uma situação interna (cognitiva). O que se percebe neste tipo de condicional é que o significado está ligado à suposição ou conjectura do falante, que cria uma hipótese sobre a relação entre os dois eventos descritos (prótase e apódose), conforme Dancygier (1998, p. 7): “no domínio epistêmico a construção liga pressupostos e conclusões”.⁸ Em suma, a ideia que se tem nesse domínio é a de que considerada a verdade do fato condicionante, conclui-se o fato principal.

Nas condicionais de atos de fala o significado é assentado sobre as atitudes do falante com relação ao contexto de fala e com relação ao ouvinte, conforme Sweetser (1990). Assim, o significado se torna, cada vez mais intersubjetivo, construindo uma situação em que é relevante o falante enunciar algo, como se observa na ocorrência (13):

(13) “**Se** a criança quer fazer judô, tem que ter um horário pela manhã”. (19Or:Br:Intrv:Cid)

A condicional “se a criança quer fazer judô” projeta uma moldura que torna comunicativamente relevante enunciar o ato “tem que ter um horário pela manhã”. Nessas condicionais percebe-se um alto grau de intersubjetividade, já que o falante enuncia algo após pensar sobre as questões pragmáticas e sociais, atentando-se para suas escolhas, a fim de evitar questionamentos do ouvinte.

⁸ in the epistemic domain the construction links premises and conclusions.

Dancygier (1998, p.7) compreende o domínio dos atos de fala da seguinte forma: “no domínio de ato de fala p. é usado como comentário sobre o ato de fala realizado em q”.⁹ Em outras palavras, a leitura que é transmitida aqui é que considerada a situação condicionante, enuncia-se tal fato.

E, por fim, nas condicionais metatextuais, há a construção de um contexto alternativo cujo ato de fala é pragmaticamente relevante, porém, a diferença nesse tipo de condicional é o fato de o falante fazer referência explícita a algum elemento da situação de interação (domínio textual), observe o exemplo:

(14) Por isso, não tenho muitas expectativas, a menos que os jurados se sentem e leiam os livros, deixando de lado os nomes das capas. **Se** isso acontecer, eu acho que tenho chance.
(19Or:Br:Intrv:Tar)

Em (14) a estrutura condicional “se isso acontecer” é capaz de transmitir uma hipótese, referindo-se explicitamente ao contexto de interação (se os jurados se sentarem e lerem os livros, ignorando os nomes das capas). Conclui-se, portanto, que o significado deste domínio está ligado ao contexto metalinguístico e textual, uma vez que a situação comunicativa é apontada. Em outras palavras, pode-se dizer que a leitura deste tipo de condicional é a de que enuncia-se determinada proposição de acordo com determinado elemento do discurso.

Na consideração dos quatro domínios cognitivos, observa-se as diferentes nuances do significado condicional, que pode ser mapeado em diferentes domínios cognitivos, conforme constroem a relação entre os enunciados envolvidos. O que fica evidente, assim, é o caráter intrincado da relação causal base do significado condicional, que se apresenta em múltiplas possibilidades dependendo de determinantes semântico-pragmático e cognitivos. O que se nota, em comum nos tipos, são os traços da causalidade, que conforme aumenta o grau de (inter)subjetividade vai se diluindo.

Para Dancygier (1998) numa oração condicional, independente da conjunção, existirá a relação de causalidade. Assim, como afirma Comrie (1986), a base da condicionalidade está ligada à causalidade. Fica claro, assim, que o complexo causa-consequência é base para a construção do significado de uma condicional, apesar dessa relação se dar de formas diferentes de acordo com o domínio cognitivo. A diferença entre os tipos pode ser compreendida conforme Ferrari (2001, p. 145), que afirma que no domínio das condicionais

⁹ in the speech act domain p's are used as comments on the speech acts performed in q's.

de conteúdo “há uma relação causa e efeito entre eventos no mundo descrito”, no domínio epistêmico há uma “relação entre a premissa e conclusão no nível do raciocínio” e no domínio pragmático “a prótase da condicional constitui um comentário que possibilita o ato de fala a ser realizado na prótase”. Ou seja, numa condicional inicialmente se tem uma situação condicionante, e a partir dela enuncia-se um conteúdo que dependerá do preenchimento dessa condição.

2.2 NÃO ASSERTIVIDADE

Dancygier (1998) afirma que a conjunção “se” tem a função de marcar a não-assertividade de uma proposição, desse modo, este parâmetro contribuirá para a análise do “se não me engano” a fim de verificar se a estrutura também mantém esse traço.

Em uma oração condicional, as condições de felicidade não estão plenamente preenchidas. De algum modo, ao construir seu enunciado na forma de uma condicional, “(...) o falante não tem embasamento suficiente para enunciar *p* como uma declaração factual e pode de fato não acreditar na verdade de *p*” (DANCYGIER, 1998, p. 18).¹⁰

Dancygier aponta a conjunção “se” como um marcador de não assertividade e afirma que “a sua presença em frente a uma suposição indica que o falante tem razões para apresentar esta suposição como não assertiva” (DANCYGIER, 1998, p. 23)¹¹.

Assim, em construções condicionais, a “prótase de uma condicional atua como um angulador, que estabelece condições de validação do discurso” (FERRARI, 2000, p. 25). A autora afirma que a conjunção da prótase tem função de marcar a não-assertividade, e que sua função é mostrar que o conteúdo da prótase precisa ser considerado, mas sem afirmá-lo. É o que se observa nas seguintes proposições (15-16):

(15) “**Se** querem ser candidatos fazem muito bem em visitar o interior”. (19Or:Br:Intrv:Cid)

(16) “**Se** os moradores quiserem eu fico”. (19Or:Br:Intrv:Cid)

Fica claro que a presença do “se” nas ocorrências acima marca a não assertividade da prótase, e, conseqüentemente, a não assertividade da apódose. Nos exemplos, os estados de coisas são concebidos como eventuais, algo que pode ocorrer, mas que, por alguma razão, não

¹⁰ “the speaker does not have enough grounds for asserting *p* as a factual statement and may in fact not believe *p* to be true”.

¹¹ “As a lexical item, it is a marker of nonassertiveness and its presence in front of an assumption indicates that the speaker has reasons to present this assumption as unassertable”

pode ser afirmado. Neste direcionamento, Dancygier (1998, p.72) afirma que a presença da conjunção condicional na construção marca o pressuposto sob seu escopo como não assertivo (unassertable). Como resultado, a apódose, pertencente ao mesmo espaço mental, é concebida como não-assertiva”¹².

A não assertividade marcada nas ocorrências (15-16) não significa que os enunciados em si são não assertivos, mas sim que são não assertivos para o falante no momento do discurso (DANCYGIER, 1998). Assim, no momento do discurso o falante não afirma a proposição de que determinadas pessoas querem ser candidatas – (15) – ou que os moradores querem que ele fique – (16). Neles o falante apenas considera e trata a proposição como não assertiva.

Em outras palavras, no momento que o falante está interagindo no discurso a proposição é julgada pelo falante como não assertiva, o mesmo acredita ser melhor considerar a proposição, porém não afirmá-la. Segundo Dancygier (1998, p. 187), “Não há nenhuma implicação de que os próprios pressupostos são, por qualquer motivo, não assertivos, mas que eles são não assertivos para o falante naquele momento da troca”¹³.

Dancygier (1998) apresenta alguns exemplos a fim de especificar que o falante exprime a sua própria avaliação acerca do pressuposto como não assertivo. Um desses exemplos parece ser semelhante à construção “se não me engano”. Veja-o a seguir:

(17) “Eu não sei se...”¹⁴

Dancygier (1998, p.195) defende que tais frases claramente não envolvem diretamente o ouvinte (embora possam convidar a opinião dele). Os verbos em todas elas, no entanto, são “verbos de incerteza”, seguido por *se*. A presença do *se* parece ser necessária para marcar a não assertividade da cláusula incorporada. A sentença apresentada pela autora é muito semelhante à construção em estudo, uma vez que parece marcar o descomprometimento do falante em relação ao enunciado, dessa forma, tem-se como hipótese que “se não me engano” também expressará não assertividade.

¹² “*if* in the construction marks the assumption in its scope as unassertable. As a result, the assumption in the apodosis, which belongs to the same mental space as the protasis, is not treated as asserted either”.

¹³ “There is no implication that the assumptions themselves are for whatever reason unassertable, but that they are unassertable for the speaker at this point in the exchange”.

¹⁴ Exemplo retirado de Dancygier (1998, p.195) “I don’t know if”.

2.3 PREDIÇÃO

A predição refere-se à capacidade que a condicional tem de projetar um futuro potencial, considerada uma das funções centrais das condicionais de conteúdo (DANCYGIER & SWEETSER, 2005).

Dancygier (1998, p.128) defende que construções preditivas são caracterizadas por padrões de formas verbais que refletem raciocínio preditivo, no estado especial da apódose, marcado pela conjunção condicional “se”, estabelecendo ligação causal entre p e q. Em outras palavras, o falante busca marcar a predição sobre os eventos, como no exemplo seguinte:

(18) “se eles tivessem feito uma pesquisa mais séria, teriam descoberto os conflitos que existiam até mesmo nos mais sectários”. (19Or:Br:Intrv:ISP)

Em (18) a oração condicional *se eles tivessem feito uma pesquisa mais séria* prediz o que poderia ter acontecido (apódose) caso a prótase tivesse se realizado: *teriam descoberto os conflitos...*

Hirata-Vale (2005) afirma que os verbos da apódose estão no presente do indicativo ou no futuro do presente do indicativo, uma vez que, segundo a autora (2005) esses tempos verbais fazem com que as construções sejam compreendidas como preditivas.

Nas condicionais não preditivas essa preocupação com tempo e formas verbais não existe. Dancygier (1998) diz que “condicionais não-preditivas, por outro lado, são livres na sua escolha de formas verbais e são geralmente não distanciadas e não causais sobre o nível proposicional”¹⁵.

As não preditivas podem se dividir em duas subclasses (DANCYGIER, 1998): A primeira subclasse é chamada por ela como condicionais de conversação, e é caracterizada pela realização da apódose como conteúdo independente da prótase. “As condicionais de conversação envolvem atos de fala e relações metatextuais”¹⁶. (DANCYGIER, 1998, p.129).

E a segunda classe costuma apresentar a apódose como uma conclusão a ser tirada da prótase, sendo que a ordem das cláusulas é então icônica de raciocínio inferencial (condicionais epistêmicas de Sweetser). Porém “inferência não é o único tipo de raciocínio

¹⁵ “Non-predictive conditionals, on the other hand, are free in their choice of verb forms and are generally not distanced and not causal on the propositional level”.

¹⁶ “Conversational conditionals involve speech act and metatextual relations”.

envolvido”¹⁷ (DANCYGIER, 1998, p. 129), segundo a autora, o mesmo tipo de prótase é encontrado para criar o fundo para uma variedade de atos de fala (DANCYGIER, 1998).

2.4 DISTÂNCIA EPISTÊMICA

As formas verbais estão diretamente ligadas ao parâmetro “distância epistêmica”, uma vez que a escolha do verbo numa oração é capaz de expressar a postura epistêmica do falante que a enuncia. Entende-se por distância epistêmica os traços da condicionalidade especialmente marcados pela seleção de formas verbais. Portanto, neste sentido, o falante pode enunciar tanto um evento futuro (potencial), quanto um evento não real (contrafactual) (DANCYGIER, 1998).

Por exemplo, ao utilizar a forma verbal “presente” o mais plausível, segundo Dancygier (1998) é postular uma hipótese fraca, sendo que a realização não se apresenta como impossível.

(19) “se você é do tipo mignon (baixinha), nunca chame atenção para os pés, para a parte inferior”. (19N:Br:PA)

Na ocorrência acima, a oração condicional é formulada de modo que seu conteúdo é concebido como hipótese possível. Esse traço se marca, especialmente, pela forma verbal presente na oração condicional.

Para Fillmore (1990), a postura epistêmica consiste na associação ou dissociação mental do falante sobre o conteúdo expresso na prótase. A postura epistêmica, para o autor, sinaliza: “A relação epistêmica que o falante tem com mundo representado pela sentença condicional: o falante pode considerá-lo como mundo real, como distinto do mundo real, ou não saber se o mundo alternativo representado na sentença condicional é o mundo real ou não”. (FILLMORE, 1990, p. 142).¹⁸

Para Fillmore (1990), a postura epistêmica pode ser negativa, neutra ou positiva. A negativa ocorre quando o conteúdo da proposição é distinto da realidade, a postura neutra acontece quando não é possível identificar se o conteúdo pertence ao mundo real ou não; e a postura positiva diz respeito aquele conteúdo relacionado a uma condição no mundo real.

¹⁷ “But inference is not the only type of reasoning involved”.

¹⁸ the epistemic relationship which the speaker has to the world represented by the conditional sentence: the speaker might regard it as the actual world, might regard it as distinct from the actual world, or might not know whether the alternative world represented in the conditional sentences is the actual world or not.

Dancygier e Sweetser (2000; 2005) afirmam que a postura epistêmica positiva está diretamente ligada às conjunções “quando”, “desde que” e “porque”, dessa forma, os exemplos a seguir revelam a postura epistêmica positiva:

(20) “Quando o técnico vinha me buscar era um escândalo”. (19Or:Br:Intrv:Cid)

A conjunção “quando” na ocorrência acima indica, segundo Dancygier e Sweetser (2000; 2005), a postura epistêmica positiva, ou seja, o falante compreende como verdadeiro, pertencente ao mundo real o evento sob escopo da conjunção “quando”.

Diferentemente do que ocorre com a conjunção “quando”, Fillmore (1990) afirma que a conjunção condicional se expressa postura epistêmica neutra ou negativa, como mostram os exemplos a seguir:

(21) “se o José Rainha for condenado, ele será um preso político.”. (19Or:Br:Intrv:Pov)

Em (21), o falante manifesta uma postura epistêmica neutra, pois, não se compromete ou descompromete-se em relação a verdade do evento sob escopo da conjunção “se”, ou seja, o falante não manifesta crença ou descrença sobre José Rainha ser condenado ou não ser condenado.

A postura epistêmica do falante é definida não apenas pela conjunção “se”, mas também pela escolha do tempo verbal. Se o exemplo acima estivesse no pretérito imperfeito do subjuntivo, por exemplo, a postura epistêmica do falante se modificaria para uma postura negativa:

(22) “Se o José Rainha fosse condenado, ele seria um preso político”.

Em (22), o verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo revela a postura epistêmica negativa, parecendo que o falante julga que o conteúdo da prótase é distinto do mundo real, ou seja, José Rainha não foi condenado.

2.5 ESPAÇOS MENTAIS

Espaço mental é compreendido por Dancygier (1998) como ativações acionadas no cérebro para auxiliar na compreensão do que se ouve, fala ou pensa. Nesta direção, os conectores condicionais são concebidos como construtores hipotéticos de espaços mentais, ou

seja, espaços alternativos nos quais uma suposição tem sua validade assegurada ou é asseverada.

Dancygier (1998) explica que as conjunções condicionais colaboram para a criação de espaços mentais. Veja o seguinte exemplo:

(23) “**Se** uma empresa não conhece o concorrente, não sabe o que é tecnologia”.
(19Or:Br:Intrv:Com)

Em (23) temos a estrutura “se p, q”, o exposto em p, no âmbito dos espaços mentais, é visto como espaço fundação, que valida ou não a proposição apresentada em q. Em outras palavras, o uso da conjunção condicional “se” condiciona o conteúdo da apódose, construindo, dessa forma, um espaço mental denominado fundação (alternativo) que opera sobre o discurso seguinte (espaço expansão). A proposição (23), portanto, cria um espaço mental de hipótese (espaço base).

Fauconnier (1985) assume que espaços mentais estão ligados a relação de causalidade e predição entre p (prótase) e q (apódose), assumindo, também, que os espaços mentais representam estruturas construídas no nível cognitivo, podendo ser apresentados por meio das orações condicionais (FAUCONNIER, 1994).

Neste sentido, Ferrari (2011, p. 111) compreende as orações condicionais como construtora de espaço mental e exemplifica por meio da seguinte ocorrência:

(24) “Caso o time perca o jogo, vai ser rebaixado”.¹⁹

Para a autora, exemplos como o apresentado acima podem ser denominados como espaços condicionais construtores de espaço mental, uma vez que ativam na mente do falante hipóteses acerca da realidade, construindo domínios alternativos sobre um espaço base, projetando espaços mentais para um terceiro espaço em que se configura a hipótese.

¹⁹ Exemplo retirado de Ferrari (2011, p. 111).

3. MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA E EVIDENCIALIDADE

Esta dissertação parte da hipótese principal de que a estrutura “se não me engano” tradicionalmente descrita como uma oração condicional, teria seu significado mais próximo da zona da modalidade. Neste sentido, este capítulo dedica-se a apresentar os conceitos de modalização epistêmica e evidencialidade que sustentam a análise que será apresentada.

Dall’Aglio-Hattner (1995) e Neves (2006) entendem que o campo da modalização é complexo e de difícil delimitação. Assim, Neves afirma que

Conceituar modalidade é uma tarefa complexa exatamente porque esse conceito envolve não apenas o significado das expressões modalizadas, mas, ainda, a delimitação das noções inscritas no domínio conceptual implicado. (NEVES, 2006, p.151).

Em outras palavras, a definição do campo da modalidade é difícil, uma vez que essa conceituação envolve além do significado das expressões modalizadas, como “se não me engano” ou “parece que”, envolve ainda a delimitação do que há no domínio dos modalizadores.

Coracini (1991, p. 113) afirma que “a modalidade é a expressão da subjetividade de um enunciador que assume com maior ou menor força o que enuncia, ora comprometendo-se, ora afastando-se”. Ou seja, como demonstra Coracini (1991), a modalidade está estritamente ligada à subjetividade do locutor, pois o mesmo compromete-se ou distancia-se, em maior ou menor grau, com seu enunciado.

Leite (2002, p. 20) também assume o alto grau de subjetividade como marca dos modalizadores ao afirmar que esses “expressam uma relação de comprometimento do locutor com aquilo que ele enuncia; mesmo não revelando a fonte de seu saber, de suas crenças ou valores morais ao modalizar suas sentenças”. Em outras palavras, ao modalizar seu enunciado, o falante pretende comprometer-se, em maior ou menor grau, com a verdade daquilo que enuncia.

Neves (1996) e Dall’Aglio-Hattner (1995) afirmam que a modalidade²⁰ pode ser compreendida como o posicionamento, a atitude ou o julgamento que o falante estabelece com relação ao seu enunciado, em outras palavras, como ele se posiciona e compromete-se com aquilo que foi enunciado. Os modalizadores, ainda segundo esses estudiosos, podem ser divididos em modalidade alética, deôntica e epistêmica.

²⁰ Não se faz distinção entre modalidade e modalização neste trabalho, uma vez que, conforme os autores, tanto modalidade quanto modalização refere-se a uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo do seu enunciado.

A modalidade alética expressa o valor de verdade das proposições, referem-se ao eixo da existência, essa modalidade pode expressar um conhecimento aceito ou comprovado cientificamente. Neves (2000, p. 101-102) afirma que essa modalidade se aplica apenas a proposições “independentes dos contextos de enunciação, restritas a uma organização lógica interna de termos e relacionadas a mundos possíveis dentro dos quais seriam ou não verdadeiras”.

Já a modalidade deôntica remete ao eixo da conduta, pois expressa valores de permissão, obrigação e proibição. Para Dall’Aglio-Hattner (1995, p.133) essa modalidade “não está relacionada a uma avaliação do falante, mas sim a uma ação do próprio falante ou de outros”. Givón (2009) afirma que a modalização deôntica é a relação do que o falante quer que o ouvinte faça por ele ou vice versa.

Já a modalidade epistêmica refere-se ao eixo do conhecimento, do saber, afinal, exprime conceitos como: possível, certo, provável, contestável e excluído. Essa modalidade expressa a avaliação do falante sobre aquilo que enuncia (DALL’AGLIO-HATTNER, 2001), situando em um contínuo do certo ao possível.

Nesta dissertação, tratar-se á, apenas, da modalização epistêmica, uma vez que parte-se da hipótese principal de que a condicional “se não me engano” integra o campo da modalidade epistêmica.

3.1.MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA

A modalidade epistêmica é definida como “meios linguísticos pelos quais o falante revela seu comprometimento em relação à verdade da proposição”. (DALL’AGLIO-HATTNER et al, 2001, pg .109). Dessa forma, os modalizadores epistêmicos marcam o comprometimento do locutor sobre aquilo que ele enuncia, ou seja, marcam o grau de certeza sobre os fatos enunciados.

Dall’Aglio-Hattner (1995, p. 92), assim como Neves (1999) e Gonçalves (2003), sugere a existência de uma relação entre o grau de comprometimento do falante sobre o que enuncia e o nível em que atua o modalizador epistêmico:

ao situar a qualificação epistêmica no nível da predicação, o falante se furta à responsabilidade sobre o valor de verdade de seu enunciado. Inversamente, ao situar a qualificação epistêmica no nível da proposição, o falante assume, com diferentes graus de adesão, seu enunciado.

Ou seja, ao posicionar o enunciado no nível do estado de coisas, o falante constrói uma afirmação sobre a incerteza da realidade desse estado de coisas e não se responsabiliza sobre a verdade do enunciado, como mostra o exemplo:

(25) “**é possível que** a situação logo se regularize, pois sabemos que agora é a hora do pique bancário e até o meio-dia o movimento decairá”. (19:Fic:Br:Beltrao:Greve)

Em (25) percebe-se que o falante avalia a realidade do estado de coisas apresentado pela predicação, independente de sua avaliação pessoal.

Ao contrário, ao situar o enunciado no nível da proposição o falante expressa seu comprometimento e responsabilidade sobre o que enuncia, revelando que seu enunciado está ligado à sua avaliação, como pode-se ver no exemplo a seguir:

(26) “**Eu acho que** o fator principal ainda é a estrutura de divisão do trabalho no lar”. (19Or:Br:Intrv:Cid)

Romualdo (2002) afirma que avaliação epistêmica refere-se a um *continuum*, que parte da total certeza, até os limites e indefinidos graus da possibilidade. Pode-se observar este *continuum* nas sentenças (27-29) a partir dos modais “acho que”, “parece que” e “sei que”.

(27) “Mas **parece que** não é o forte do atual governo a expansão turística.” (19Or:Br:Intrv:Com)

(28) “...a mãe sempre tem uma dorzinha na consciência de tá deixando o o filho - mais do que deveria assistir televisão mas - os filhos ficam sentadinhos né? - e: apenas o barulho da televisão incomoda a dona de casa né? Inf. 2 - é eles ficam sentadinhos mas depois que acaba os programas eu - **Acho que** eles ficam muito mais violentos...” (19Or:Br:LF:Recf)

(29) “**Eu sei que** a diretoria não tem culpa, eles dizem que falta funcionário. Toda a documentação é resolvida em São Paulo e demora muito.” (19Or:Br:Intrv:Cid)

O falante utiliza o verbo “parecer”, na ocorrência (27), a fim de modalizar o seu enunciado. Nota-se que ele tenta não se comprometer com o conteúdo expresso (a expansão turística não é o forte do atual governo). Nesse caso, o informante optou por não estabelecer a

certeza acerca do que informa por não se vincular como fonte dessa incerteza. A expressão está posicionada, desse modo, no campo intermediário entre o certo e o possível.

No exemplo (28) percebe-se que o locutor utiliza o verbo de crença “achar” com o intuito de expressar o seu comprometimento com relação à verdade da proposição. Há, nesta ocorrência, a manifestação da modalização epistêmica subjetiva. Nela, o informante mostra-se como fonte da informação, além de expressar seu descomprometimento com a verdade do que diz, optando por permanecer no campo da não certeza.

Por fim, diferentemente das outras proposições, em (29) há o comprometimento do locutor, uma vez que ele demonstra sua certeza sobre o que diz, utilizando o verbo pleno saber, na forma afirmativa, a fim de mostrar que se compromete com a verdade do conteúdo núcleo (a diretoria não tem culpa).

Fica evidente, portanto, o entendimento da modalização epistêmica como um *continuum*, assim como afirmam autores diversos como Neves (1996). Para a autora (1996), a modalidade epistêmica faz com que o falante se posicione em alguma instância do contínuo entre a certeza e os graus do possível. Para exemplificar, a autora apresenta as seguintes ocorrências:

(30) "para mim pelo menos **me parece que** comunicação é feita de dois gumes". (D2-RE-05:17-19)²¹

(31) “pois não... bom uma das finalidades precípua... de um sindicato... **é: exatamente** a de prestar... toda e qualquer assistência aos seus associados (DID-RE-131:7-9).²²

Em (30), conforme Neves (1996) o falante relativiza seu conhecimento sobre o assunto "comunicação", modalizando o que enuncia no campo da não-certeza. Ao utilizar a expressão “me parece que” o falante posiciona-se no nível da possibilidade, assim como faz ao utilizar a expressão “eu acho”, como no exemplo a seguir:

(32) “**eu acho que** o mundo realmente caminha para a cristianização”. (19Or:Br:LF:Recf)

Diferentemente do que ocorre em (31), cujo falante situa a proposição no nível da total certeza, apresentando como verdadeiro seu enunciado, nesta ocorrência percebe-se que o

²¹ Exemplos retirados de Neves (1996, p. 179-180).

²² Exemplos retirados de Neves (1996, p. 179-180).

falante se compromete com o conteúdo de verdade sobre o que enuncia (as finalidades de um sindicato). “No extremo da certeza há um enunciador que avalia como verdadeiro o conteúdo do enunciado que produz, apresentando-o como asseveração (afirmação ou negação), sem espaço para dúvida e sem nenhuma relativização” (NEVES, 1996, p. 179).

Ao se posicionar no extremo grau da certeza, o falante avalia como verdadeiro o conteúdo enunciado por ele, possibilitando, dessa forma, o questionamento do conteúdo exposto. Ao contrário, ao se posicionar no campo da não-certeza (possibilidade), como em (32) ele mostra que não pode asseverar seu enunciado, dessa forma, preservando sua face e evitando questionamentos e relativização pelo ouvinte.

Percebe-se, portanto, que ao enunciar uma proposição o falante pode optar tanto por expressões, denominadas modalizadores, que transmitam total comprometimento do falante em relação a verdade de seu enunciado, quanto por manter seu enunciado no campo da não certeza, não se responsabilizando em relação a verdade do enunciado.

Em um levantamento de trabalhos sobre a modalização ou sobre a modalidade epistêmica, concluiu-se que são diversos os estudos sobre a categoria. Acredita-se que isto acontece devido aos múltiplos contextos comunicativos dos pesquisadores, observam-se trabalhos sobre discursos informais e formais, como, por exemplo, o trabalho de Dall'Aglio-Hattner (1995) sobre os discursos formais de um ex presidente do Brasil.

Em suma, os trabalhos sobre modalidade epistêmica mostram-se vinculados ao nível do conhecimento do falante, bem como sobre seu comprometimento em relação a verdade do conteúdo enunciado.

Sobre os diversos trabalhos existentes sobre a modalidade, pode-se citar primeiramente, o trabalho de Dall'Aglio-Hattner (1995, 1996): a autora compreende que a modalidade epistêmica refere-se a expressão da avaliação feita pelo falante com base no conjunto de conhecimento e crenças que esse falante possui (DALL'AGLIO-HATTNER, 1996, p. 171).

Outro trabalho significativo para esta dissertação é o desenvolvido por Neves (1999, 1997). Neves (1999, 1997) trilha um caminho minucioso sobre a modalidade com base nos níveis estruturais da frase, marcando a modalidade epistêmica e deôntica, conceituando, por exemplo, a modalidade como “ [...] a relação que se estabelece entre o sujeito da enunciação e seu enunciado.” (NEVES, 1997, p. 164).

3.2.EVIDENCIALIDADE

A presente pesquisa toma, também, o conceito de evidencialidade, compreendida como a expressão do tipo de evidência que sustenta uma proposição – uma afirmação factual, podendo ser apresentada pelo léxico ou por meios gramaticais. No entanto, não é bem definida a conceituação do termo evidencialidade. Em geral, a ideia aceita pela maioria dos estudiosos é a de que se trata do apontamento da origem de conhecimento de um enunciado (NEVES, 2007). Sendo assim, a evidencialidade pode estar ligada diretamente ao falante, quando ele é a única fonte enunciativa ou pode ser apresentada por uma outra fonte enunciativa, apontada pelo falante como garantia da confiabilidade da afirmação da proposição.

Tendo em vista o tipo de fonte da informação apresentada, ela pode ser evidenciada de três modos: a fonte da informação pode tratar-se de uma fonte de domínio comum, pode ser o próprio falante ou, ainda, pode tratar-se de uma terceira fonte.

Nas palavras de Lucena (2008, p. 3):

a informação asseverada em uma proposição pode ter como fonte o próprio falante ou pode ser um conhecimento amplamente conhecido, verdadeiro e incontestável, independentemente do modo de obtenção dessa informação, ou seja, um conhecimento compartilhado pelos interlocutores. Ou ainda, pode ser uma informação obtida por meio de um relato. (2008, p. 03).

Ao considerar as diferentes maneiras pelas quais o falante pode ter acesso às informações, as marcas de evidencialidade subdividem-se em dois tipos: a direta e a indireta, conforme Haan (2000). A evidencialidade direta ocorre quando o falante é testemunha direta do fato afirmado na proposição, em outras palavras, o falante declara-se como fonte do saber exposto, seja por meio de testemunho visual, auditivo (evidência atestada), conforme a ocorrência a seguir:

(33) “Uma noite, **eu vi** o Zé Lins tomando um drinque com a mulher”. 19Or:Br:Intrv:ISP

Enquanto na evidencialidade indireta o falante deduz determinada afirmação por meio de inferências, pensamentos lógicos ou relatos de outras pessoas.

Palmer (1986) afirma que um dos meios pelo qual o falante demonstra seu (des)comprometimento com a verdade de uma determinada proposição é indicando as evidências utilizadas na elaboração de seu julgamento. Dessa forma, entende-se que as evidências estão relacionadas diretamente ao conhecimento e à crença do falante.

A evidencialidade, desse modo, parece estar relacionada à categoria modalidade epistêmica, conforme a compreensão de Palmer (1986), para ele a evidencialidade é um subtipo da modalidade epistêmica. Ao explicitar o tipo de evidência utilizada, o falante está qualificando a veracidade da informação, ou seja, a proposição está relacionada ao grau de comprometimento do falante em relação a proposição.

Num entendimento oposto Nuyts (1993) entre outros autores consideram a evidencialidade como uma categoria superior à modalidade. Para Nuyts (1993), a evidencialidade atua na origem de uma situação enunciativa, portanto, todo julgamento do falante sobre uma proposição baseia-se em uma evidência. Nas palavras do autor "sem evidência, nenhuma avaliação de um estado de coisas é possível - pode-se, então, simplesmente dizer que não se sabe" (NUYTS, 1993, p. 946).

A linha tênue entre evidencialidade e modalidade epistêmica é complexa e ampla, porém, adota-se o proposto por Dall'Aglio-Hattner (1995). Através da modalização epistêmica o falante avalia a veracidade de uma proposição ou de um estado de coisas como certa ou possível, sendo que esta avaliação pode ser feita a partir de um conhecimento do falante apenas ou de um saber comum (partilhado). Os objetivos e intenções comunicativas do falante determinam a explicitação ou não da fonte do seu saber (evidencialidade).

Compreende-se que a evidencialidade e modalidade epistêmica são distintas: “enquanto os julgamentos epistêmicos são baseados no grau de certeza que o falante tem sobre o conteúdo enunciado, os evidenciais indicam as fontes a partir das quais o falante obteve a informação enunciada” (DALL'AGLIO-HATTNER, 2001, p.60).

4. METODOLOGIA

Privilegia-se, nesta dissertação, corpora que represente situações reais da língua, uma vez que esta dissertação tem como fundamento teórico principal o entendimento de que “se não me engano” pode ser compreendida como uma estrutura determinada conforme as necessidades dos falantes em situações reais de uso linguístico.

Assim, a coleta da construção “se não me engano” foi feita por no Corpus do Português (DAVIES & FERREIRA, 2006). Um *corpus* disponível online (acesso em www.corpusdoportugues.org) composto por 45 milhões de palavras de aproximadamente 57 mil textos em português do século XIV ao século XX. A distribuição dessas 45 milhões de palavras se dá da seguinte forma: 15 milhões dos séculos XIV ao XVIII, 10 milhões no século XIX e 20 milhões no século XX, sendo que foi neste último século que o registro foi incluído ao corpus: há 2 milhões em textos de modalidade oral, 6 milhões de palavras em textos de ficção, 6 milhões em notícias, 6 milhões em textos acadêmicos.

A plataforma possibilita ao pesquisador a busca por palavras exatas, formas de uma palavra, frases e construções gramaticais, além da pesquisa por palavras colocadas. Pode-se buscar apenas o número de ocorrências de uma construção ou palavra, como por exemplo, a construção “se não me engano” tem 74 ocorrências.

A pesquisa utilizou também o *corpus* mínimo do Projeto Norma Urbana Culta (NURC) que teve como finalidade documentar e descrever a norma culta do português falado no Brasil (CASTILHO & PRETI, 1986). O *corpus* mínimo consiste em um conjunto de gravações da fala de pessoas nascidas em uma das cinco capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre e Salvador), de diferentes faixas etárias e de nível universitário. Essas gravações foram feitas em três situações discursivas: elocuições formais – EF (aulas e conferências), diálogos entre dois informantes – D2 e diálogo entre informante e documentador – DID (entrevistas). Nesta dissertação utiliza-se o *corpus* mínimo disponibilizado em (<http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj>), no endereço referido são disponibilizados EF, DID e D2 especificamente do Rio de Janeiro, foram utilizados 8 arquivos do tipo D2 (diálogo entre dois informantes), 161 arquivos do tipo DID (diálogo entre informante e documentador) e 6 arquivos do tipo EF (elocução formal).

Nesta dissertação, primeiramente foi feita a pesquisa do número de ocorrências no *corpus* do português e no *corpus* mínimo do Projeto NURC – RJ em todos os séculos presentes nos dois *corpora*, e então, a partir disto, verificou-se se a construção em análise funciona, independentemente do século, como uma condicional ou se está atuando mais frequentemente como um modalizador epistêmico.

Para se alcançar os objetivos desta dissertação, bem como verificar as hipóteses lançadas, buscou-se verificar alguns parâmetros de análise, conforme segue nas subseções.

4.1. PARÂMETROS DE ANÁLISE

A análise pretende verificar se a construção “se não me engano” assume funcionalmente características das condicionais prototípicas. Posteriormente, verificar-se-á a posição da construção nas orações em relação ao núcleo, em seguida a partir da redução do pronome “eu” na construção em estudo será feita uma relação com a mudança construcional, compreendendo essa redução como um passo gradual de mudança, posteriormente, buscar-se-á analisar a estrutura “se não me engano” como um modalizador epistêmico, e, por fim, averiguar-se-á a convencionalização da construção entre os falantes. Para esse caminho de análise, são considerados os seguintes fatores:

4.1.1 POSIÇÃO DA CONSTRUÇÃO EM RELAÇÃO AO NÚCLEO

Será analisada a posição do “se não me engano” em relação ao núcleo da oração (anteposta, intercalada ou posposta). Além de investigar se a flexibilidade da posição tem influência no significado da mesma.

Sobre este parâmetro tem-se como base o princípio da iconicidade, considerando a proposta de Dancygier (1998, p. 73) que sugere que

a visão dominante de como estruturas multi-clausais são interpretadas é que (quando não marcadas) as mesmas tendem a ser tratadas como iconicamente ligadas à sequência de eventos e às etapas do raciocínio que representam²³.

Tem-se como base, fundamentalmente, o subprincípio da ordenação linear que propõe que informações mais importantes, mais previsíveis sempre estarão em primeiro lugar sintaticamente, ou conforme a ordem dos acontecimentos.

Os estudos sobre condicionais apontam que as mesmas preferencialmente encontram-se no início da oração, ou seja, na posição anteposta, por princípio icônico ligado à causalidade, uma vez que a ordem dos acontecimentos deve direcionar a ordem dos elementos sintaticamente, portanto, numa condicional a causa virá anteposta à consequência.

²³ “The dominant view of how multi-clausal structures are interpreted is that (when not otherwise marked) they tend to be treated as iconic of the sequence of events or steps in the reasoning they represent”.

4.1.2 PARÂMETROS DE CONDICIONALIDADE

Para a constatação se a construção “se não me engano” integra o campo das condicionais, será efetuada uma análise dos parâmetros definidores de condicionalidade (DANCYGIER, 1998), são eles:

- a) causalidade
- b) predição
- c) não assertividade
- d) distância epistêmica
- e) espaços mentais

4.1.3 MUDANÇA CONSTRUCIONAL: A REDUÇÃO DO PRONOME “EU”

A fim de verificar a mudança construcional do “se não me engano”, com base na construcionalização (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) será analisada a redução do pronome “eu” na construção, supondo que essa perda nada mais é que um passo gradual de mudança. Considerando que a frequência é um fator determinante na mudança, serão levantadas as ocorrências no *corpus* do português e no *corpus* mínimo do Projeto NURC – RJ. Ademais, investigar-se-á se a estrutura “se não me engano” é um pareamento de forma e significado, ou seja, uma construção.

4.1.4 CONVENCIONALIZAÇÃO

Juntamente à mudança construcional e à compreensão da estrutura “se não me engano” como uma construção faz-se necessário analisar o grau de convencionalização da construção. Para tanto, levantar-se á a frequência da construção no corpora adotados nesta dissertação, verificando se a construção está convencionalizada entre os falantes como um pareamento forma-significado (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). Assim, serão verificados os fatores esquematicidade, composicionalidade e produtividade, característicos da convencionalização de uma construção, conforme Traugott & Trousdale (2013).

Neste capítulo denominado “metodologia” apresenta-se os parâmetros a serem utilizados para a análise qualitativa e quantitativa da construção “se não me engano” e que contribuíram para o alcance do objetivo proposto nesta dissertação: investigar a estrutura “se não me engano” a fim de comprovar como sua função, convencionalizada entre os falantes como modalizador epistêmico, está distante da condicionalidade.

A seguir, no capítulo V, encontram-se os resultados da análise, bem como a discussão dos resultados.

4.1.5 MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA

Com base neste parâmetro, pretende-se analisar as características prototípicas dos modalizadores, especificamente dos modalizadores epistêmicos, a fim de investigar se a estrutura “se não me engano” pode ser considerada um mecanismo utilizado pelo falante para relativizar e não se comprometer com a proposição enunciada.

Neste capítulo, apresentou-se os parâmetros a serem utilizados para a análise qualitativa e quantitativa da construção “se não me engano” e que contribuíram para o alcance do objetivo proposto nesta dissertação: investigar a estrutura “se não me engano” a fim de comprovar como sua função, convencionalizada entre os falantes como modalizador epistêmico, está distante da condicionalidade. A seguir, no Capítulo V, encontram-se os resultados da análise, bem como a discussão dos resultados.

5. ANÁLISE DE DADOS

5.1 A EXPRESSÃO “SE NÃO ME ENGANO” E OS TRAÇOS DE CONDICIONALIDADE

Para Dancygier (1998), uma oração condicional é sempre constituída por duas cláusulas e uma conjunção condicional. Dentro dessa perspectiva, as sentenças com a construção “se não me engano” podem ser assumidas como condicionais, pois, como nos exemplos a seguir, verificam-se, nelas, duas cláusulas e uma conjunção condicional:

(01) “**Se não me engano**, tive mesmo uma diarreia nervosa”. (19:Fic:Br:Verissimo:Tempo)

(02) “**Se não me engano**” Berta tinha então dezoito anos. (19:Fic:Pt:Rúben:Páginas)

Quadro 1: Elementos constituintes de uma condicional

| Cláusula I | Cláusula II | Conjunção Condicional |
|-------------------|------------------------------------|----------------------------------|
| não me engano | Tive mesmo uma diarreia nervosa | SE |
| não me engano | Berta tinha então dezoito anos | SE |

Fonte: Elaboração própria

É possível observar, no quadro acima, que a oração com a construção “se não me engano”, conforme definição apresentada por Dancygier (1998, p. 12), constitui, formalmente, uma oração condicional, pois apresenta duas cláusulas, uma principal e uma subordinada, e uma conjunção condicional. No entanto, como a própria autora afirma, tal critério não é suficiente para compreender a expressão da condicionalidade.

Assim, a autora afirma que é necessário que uma condicional atenda ao que ela denomina parâmetros de condicionalidade: um conjunto de características que seriam fundamentais para o estabelecimento do significado condicional. Nesse sentido, na presente seção, pretende-se verificar se a estrutura “se não me engano”, formalmente classificada como oração condicional por autores como Hirata (1999), Neves (2000) e Oliveira (2005), atende aos parâmetros de condicionalidade, servindo, assim, para instaurar uma relação condicional. Neste sentido, a estrutura “se não me engano” será analisada conforme (i) a existência da

relação de causalidade, (ii) propriedade da predição, (iii) o caráter não assertivo da construção, (iv) distância epistêmica instaurada pela construção e (v) a funcionalidade para construir espaços mentais.

5.1.1 CAUSALIDADE

O estudo da estrutura “se não me engano” e seu significado desenvolvido no capítulo 1 revela que a relação de causalidade que marca a oração condicional pode ser avaliada, conforme Dancygier (1998), em quatro domínios cognitivos: domínio de conteúdo, epistêmico, atos de fala e metatextual. Assim, o que se pretende é avaliar de que modo a relação estabelecida entre os dois segmentos da estrutura “se não me engano” integra algum desses domínios. A hipótese que se busca confirmar é a de que o “se não me engano” não tem seu significado assentado sobre a base causal, como as condicionais prototípicas. Observe a seguinte ocorrência:

(03) “**se não me engano**, mais de uma cantiga popular consagra o princípio das relações verdadeiramente herméticas do nome e do destino, ou das qualidades do seu portador. Muitas vezes, com um simples nome, construímo-nos de certas pessoas imagens que a realidade contesta”. (19:Fic:Pt:Migueis:Pascoa)

O domínio cognitivo das condicionais de conteúdo é marcado pela relação causal, ou seja, nesse domínio a relação causa e consequência é mais evidente, revelando que o evento da prótase é a causa do evento contido na apódose. Na ocorrência acima, não tem-se uma relação de causa entre a prótase e a apódose. Isso porque o evento contido na prótase não é a causa para o contido na apódose: “Se não me engano” [não é a causa] para a “cantiga popular consagra o princípio das relações verdadeiramente...”.

Dessa forma, a estrutura “se não me engano” não pode integrar o domínio cognitivo das condicionais de conteúdo, uma vez que “se não me engano” envolve valores epistêmicos, não é possível identificar uma relação com a causalidade entre dois eventos, característica fundamental de orações desse domínio cognitivo.

Sobre o domínio epistêmico, a princípio, pode-se acreditar que “se não me engano” pode pertencer a este domínio, já que envolve elementos epistêmicos, em outras palavras, o efeito alcançado ao negar o verbo “enganar” é uma afirmação de conhecimento sobre o evento.

Neves (2000, p. 500) afirma que “o conhecimento da verdade da premissa hipotética expressa na prótase é uma condição suficiente para se deduzir a verdade da proposição expressa na apódose”. Em outras palavras o conhecimento que se tem (veiculado na prótase) é condição suficiente para se concluir outro fato (veiculado na apódose). Há, nesse caso, uma relação de inferência epistêmica. Essa relação não pode ser observado nas ocorrências com a estrutura “se não me engano”, como mostram os seguintes exemplos:

(04) “Desde criança ouvi falar na escrava de minha família que resolveu deixar o Piauí e voltar para a África. **Se não me engano**, Mariana era neta dessa escrava”.
(19:Fic:Br:Olinto:Trono)

(05) “Em 1957/1958 foi inaugurada a rádio Guaíba, 1957 **se não me engano**”.
(19Or:Br:Intrv:Web)

Em (04) o falante não enuncia que para o fato “Mariana era neta dessa escrava” ser verdadeiro, é necessário que o falante não esteja enganado. A relação presente aqui não é de inferência epistêmica, uma vez que não se pode afirmar que a proposição “Mariana era neta dessa escrava” é alcançada ao se considerar a verdade da proposição enunciada pela primeira oração “se não me engano”. O mesmo acontece na ocorrência (05). A oração “se não me engano” não expõe a situação condicionante a partir da qual é possível inferir a conclusão “a rádio foi inaugurada em 1957/1958”. Desse modo, a relação entre prótase e apódose não pode ser de condição.

Não se pode negar que há uma relação de modificação entre os dois segmentos nas duas ocorrências, porém essa relação parece ser de modalização epistêmica, e não de condição. Não se verifica, nelas, o traço característico de condicionalidade no domínio cognitivo epistêmico que é a existência de uma condição suficiente para se chegar a uma conclusão plausível.

Da mesma forma, não se pode considerar a estrutura “se não me engano” integrante do domínio dos atos de fala ou do domínio metatextual. Ambos referem-se a uma relação construída de relevo pragmático, cuja base é a de que há um contexto alternativo para a adequação comunicativa de um ato de fala. Essa característica não pode ser observada em “se não me engano”, conforme se nota na ocorrência em (06):

(06) “Tinha saído com o meu filho para uma visita a um rapaz que está mal, no hospital. É um cantor, **se não me engano**”. (19:Fic:Br:Holanda:Burro)

A ocorrência acima revela a não possibilidade da estrutura “se não me engano” pertencer ao domínio dos atos de fala, uma vez que não há condição suficiente funcionando como um mecanismo de introdução de um espaço alternativo para que seja adequado enunciar determinado ato de fala veiculado pela oração núcleo.

A leitura que se instaura no domínio dos atos de fala é a de que no contexto em que a situação condicionante é verdadeira, é possível enunciar um ato de fala da oração núcleo. Essa leitura não é permitida no exemplo acima, pois nesse caso, o objetivo da proposição é, apenas, comunicar o conhecimento de um fato e não adequar um ato às convenções pragmáticas.

Novamente, é claro que há uma relação entre os dois segmentos, entretanto, essa relação não é de condição, mas sim de modificação semântica ligada diretamente à manifestação do conhecimento do falante sobre um determinado fato.

No que diz respeito ao domínio metatextual, também se nota que a estrutura “se não me engano” não se enquadra no mesmo, já que nela não há nenhuma referência que remeta diretamente ao contexto de interação, cuja função seja de condição para a adequação do ato enunciado na apódose. Observe-se a ocorrência (07):

(07) “Sabe desde quando eu a amo, Laura? Desde o dia em que a vi pela primeira vez passar em um carro. Foi, **se não me engano**, na Rua da Quitanda”. (18:Alencar:Pata)

A referência que há na ocorrência não é sobre o papel do falante no contexto de interação, refere-se ao conhecimento que o falante possui para relacionar dois eventos. Portanto, a estrutura “se não me engano” não integra o domínio metatextual, cujas relações são construídas a partir da condição de uma referência explícita ao contexto discursivo a fim de estabelecer relevo pragmático a um ato enunciado.

Ao se comparar os exemplos prototípicos de condicionais que ilustram o funcionamento do esquema causa-consequência dentro dos quatro domínios cognitivos (de conteúdo, epistêmico, atos de fala e metatextual) e as proposições que trazem a estrutura “se não me engano”, tem-se algumas conclusões. Veja o quadro a seguir:

Quadro 2: Relação de causalidade nas condicionais prototípicas e em “se não me engano”

| CONDIÇÃO | CONSEQUÊNCIA |
|------------------------------|--|
| Se chover | a colheita será má |
| Se a pessoa não tiver saúde | não tem alegria, não tem nada |
| Se a criança quer fazer judô | tem que ter um horário pela manhã |
| *Se não me engano | Mariana era neta dessa escrava |
| *Se não me engano | A rádio Guaíba foi inaugurada em 1957/1958 |
| *Se não me engano | O rapaz que está mal no hospital é um cantor |
| *Se não me engano | Foi na rua da Quitanda. |

Fonte: Elaboração própria

Fica claro que as condicionais (11-13) apresentam uma condição para a realização/validação/relevância do conteúdo descrito na oração núcleo. No entanto, esse fator não caracteriza as orações (4-7), uma vez que estas não apresentam em si uma condição, uma hipótese a ser verificada, traço principal das condicionais prototípicas. Nas construções “se não me engano” há um comportamento funcional bastante diferenciado, traços muito próximos do núcleo de significação dos modalizadores epistêmicos.

“Se não me engano” parece funcionar, de fato, como um indicador do comprometimento do falante a respeito do seu enunciado, deixando explícito o grau de incerteza com relação à verdade da proposição, e, ainda, marcando-se como fonte da verdade enunciada.

Os sentidos instaurados nas sentenças com “se não me engano” não se assentam sobre a base causal, como numa condicional prototípica. Na verdade, parecem estar muito mais próximos do núcleo de significação dos modalizadores epistêmicos, uma vez que seu funcionamento é como o de um mecanismo de posicionamento e descomprometimento em relação a verdade da proposição enunciada. Ou seja, tem-se uma característica divergente das condicionais, cuja relação causa-consequência é fundamental para a significação. Portanto, o que se nota na análise acima é que a oração em estudo nesta dissertação não atende ao parâmetro *causalidade*.

5.1.2 PREDIÇÃO

Dancygier (1998) chama de preditivas as condicionais cuja função é a de estabelecer uma relação de futuro entre dois eventos: a apódose pode ser predita a partir da prótase.

Dancygier (1998, p.25)²⁴ aponta como preditivas as três proposições seguintes:

Se chover, o jogo será cancelado.

Se chovesse, o jogo seria cancelado.

Se tivesse chovido, o jogo teria sido cancelado.

A autora argumenta que independentemente das formas verbais as três proposições transmitem sequencialidade, criando uma relação entre dois eventos (apódose e prótase). Ou seja, as condicionais preditivas caracterizam-se pela sequencialidade dos eventos, que necessariamente sucedem um ao outro. Dancygier (1998, p.80) afirma, ainda, que:

Condicionais são, portanto, uniformes em que canonicamente *se p, q* é icônico em uma sequência ("colocar as coisas uma após a outra"). Mas algumas sentenças (as preditivas) são interpretadas como sequencialmente ordenadas com relação aos eventos descritos, enquanto outras sentenças refletem sequências tais como premissa-conclusão, declaração explicação, demonstração-comentário.²⁵

Em outras palavras, a sequencialidade é fundamental nas condicionais, sendo que nas condicionais preditivas a sequencialidade pode ser compreendida como ordenadas quanto à temporalidade do evento da prótase e da apódose.

Este não parece ser o caso da construção “se não me engano”. Uma vez que esse tipo oracional não integra o domínio cognitivo das condicionais de conteúdo, ela também não pode ser classificada como preditiva, função central de predição das condicionais de conteúdo, ocorrendo também em condicionais epistêmicas.

Nas condicionais de conteúdo há uma relação causal evidente, como pode-se notar no exemplo a seguir:

(08) “Se não tiver um conteúdo para simular o olho, essa parte afunila”. (19Or:Br:Intrv:Cid)

²⁴ (1) “If it rains, the match will be canceled”. (2) “If it rained, the match would be canceled”. (3) “If it had rained, the match would have been canceled”.

²⁵ “Conditionals are thus uniform in that their canonical IF, p q order is iconic of a sequence (“putting things one after another”). But some sentences (the predictive ones) are interpreted as sequentially ordered with respect to the events described, while others reflect sequences such as premise-conclusion, statement-explanation, statement-comment”.

Na ocorrência (8) verifica-se que o evento da prótase funciona como uma pré condição para a próxima ocorrência (apódose), ou seja, há uma relação entre p e q. Ao enunciar a primeira ocorrência (se não tiver um conteúdo), o falante prediz o próximo evento (tal parte afunilará) com base no conhecimento que já enunciou (não se tem um conteúdo para simular o olho), ou seja, o falante sinaliza a sequencialidade causal entre dois eventos estabelecidos na apódose e na prótase.

Em condicionais prototípicas, como a ocorrência (08), a conjunção “se” transmite a predição condicional aos eventos p e q, ou seja, há uma relação causal entre prótase e apódose.

Quando considera-se a predição com relação às condicionais “se não me engano”, é possível observar, ao contrário do que se nota nas condicionais preditivas, a não sequencialidade dos conteúdos transmitidos. Temos as seguintes ocorrências:

(09) “e até, **se não me engano**, ouvi que tinham prometido um prêmio a quem desse cabo dele”. (18:Alencar:Til)

(10) “Inclusive o jardim zoológico melhorou muito depois que eu já não era criança, **se não me engano**, viu?”. (DID 128)

Nesses tipos de construção não há uma relação de predição, ou seja, não há sequencialidade, uma vez que os eventos não estão dispostos numa determinada ordenação temporal. Assim, o que se nota é que o evento da prótase não estabelece uma pré condição para que o próximo evento se realize em sequência ao primeiro (ouvi que tinham prometido um prêmio a quem desse cabo dele, o jardim zoológico ter melhorado muito depois que o falante foi quando criança). De fato, essa sequencialidade é fundamental para que a predição seja instaurada fazendo emergir o significado condicional. Assim, fica claro a construção “se não me engano” não é preditiva, uma vez que não apresenta, em nenhuma escala, traços de sequencialidade.

Em construções preditivas o falante projeta uma predição ou levanta uma hipótese, apresentando-a na sequência, com base no enunciado do segmento condicional. Isso não pode ser observado nas ocorrências com a construção “se não me engano”. O que é evidente nessas construções é o posicionamento do falante sobre o enunciado, o falante utiliza a construção para posicionar-se entre o contínuo da certeza e do possível, conforme o exemplo a seguir:

(11) “Se não me engano é a Philco que tem aquela, aquele aparelho” (DID 100).

Na ocorrência acima, não há a sequencialidade de eventos o evento contido na apódose (é a Philco que tem aquele aparelho) não é sequencial ao evento da prótase (se não me engano). Ao observar a estrutura “se não me engano”, como na ocorrência (11) não é possível a projeção de um futuro potencial. A estrutura “se não me engano” na ocorrência (11) parece estar muito distante da categoria das condicionais, uma vez que não atende ao principal parâmetro “causalidade”, bem como ao segundo parâmetro essencial numa condicional, mesmo que não prototípica, a “predição”.

5.1.3 NÃO ASSERTIVIDADE

Segundo Dancygier (1998), a conjunção "se" codifica o evento da proposição, expressando a ideia de que o conteúdo enunciado na prótase não pode ser visto como verdadeiro, é necessário que o mesmo seja validado para a realização da apódose. Nos termos de Dancygier (1998, p. 19) “a presença do “se” exige uma interpretação sob a qual a suposição no seu âmbito de aplicação não conta como um ato de assertividade”²⁶. Em outras palavras, partindo das afirmações de Dancygier (1998), a conjunção “se” é um marcador de não assertividade, ou seja, a conjunção “se” é utilizada quando um enunciado necessita ser dito e considerado para a validação do evento veiculado.

Segundo a autora (1998), o uso do “se” tem como objetivo marcar que o ouvinte não pode enunciar *p* como uma afirmação, em outras palavras, há a não-assertividade, pois o ouvinte não tem motivos suficientes para afirmar *p* como uma declaração factual, podendo realmente não acreditar que *p* seja verdadeiro. Para ilustrar isso, observe o exemplo a seguir:

(30) “se você se conforma com o que tem, você vive bem”. (19Or:Br:Intrv:ISP)

No enunciado acima não se afirma que a pessoa é conformada com o que tem. Porém se essa possibilidade se mostrar real, o evento da prótase será realizado. Dancygier (1998, p. 19) afirma que “quando uma suposição precisa ser considerada, mas não se pode afirmá-la, ela vai ser apresentada como não afirmável”.²⁷

²⁶ the presence of *if* requires an interpretation under which the assumption in its scope does not count as an act of asserting

²⁷ “When an assumption needs to be entertained or considered, but cannot be asserted felicitously, it will be presented as unassertable”.

Vê-se, então, que a conjunção “se” estabelece, funcionalmente, a não assertividade numa proposição. Observe-se, agora, a estrutura “se não me engano”, também composta pela conjunção “se”, como mostram os exemplos a seguir:

(31) “**Se não me engano**, em nossas conversas íntimas falei-te alguma vez dessa família, mas sem as particularidades que refiro agora.”. (18:Alencar:Diva)

(32) “- Conhece este moço, Sr. Guimarães? - É o Dr. Nunes. Foi meu colega de ano. - Ah! Formaram-se juntos? - E **se não me engano**, fizemos ato no mesmo dia”. (18: Alencar: Sonhos)

Em (31-32), a leitura instaurada é a mesma das condicionais prototípicas: a de não assertividade. Nas ocorrências acima, ao utilizar a construção “se não me engano”, o falante não afirma o enunciado, ele apenas considera não estar enganado.

A necessidade de o falante considerar o seu enunciado de forma descomprometida, não o afirmando, marcando, dessa forma, a não assertividade da proposição, é identificável também em construções semelhantes à construção “se não me engano”:

(33) “Se não me falha a memória, os desenhos animados de os Flintstones não tinham vilões”. (19N:Br:Folha)

(34) “- Já foi há uns cinco anos, se não estou em erro.” (19:Fic:Pt:Rúben:Páginas)

(35) “Isto aqui já, mais ou menos, não havia no meu tempo mas ainda vi, se não estou enganado, que isto era (...) com o que se batia o centeio”. (19Or:Pt:Cordial)

Em (33-35) o falante considera as proposições, porém não as afirma, ou seja, marca a não assertividade das proposições no momento do discurso, do enunciado. Nelas, o ouvinte também não é envolvido. Conclui-se, dessa forma, que a presença da conjunção condicional “se” expressa não assertividade.

Verifica-se, deste modo, que a construção “se não me engano” atende totalmente ao parâmetro “não assertividade”, isso acontece devido a presença da conjunção “se”, já que, “se” desempenha um papel específico numa oração, ele faz com que a prótase e apódose sejam interpretadas não assertivamente (DANCYGIER, 1998).

5.1.4 DISTÂNCIA EPISTÊMICA

Dancygier (1998) afirma que a distância epistêmica diz respeito ao posicionamento do falante com relação ao enunciado, traços da condicionalidade especialmente marcados pela seleção de formas verbais. Em outras palavras ao selecionar determinadas formas verbais o falante pode enunciar um evento futuro (potencial), como um evento não real (contrafactual).

Para Dancygier e Sweetser (2005, p. 45-46), a postura epistêmica positiva pode ser exemplificada por meio de frases com a conjunção “quando” e as posturas epistêmicas negativa e neutra por meio de frases com a conjunção “se”. Nas palavras das autoras: “Orações com if [se] (...) se apresentam como não positivamente vistas: o falante não se compromete com uma postura plenamente positiva face a esse material”. (DANCYGIER e SWEETSER, 2005, p. 48)²⁸. Dessa forma, pode-se dizer que a postura epistêmica da ocorrência a seguir referem-se a postura negativa ou neutra.

(36) “Se fosse preciso, ele entraria em cena.” (19Or:Br:Intrv:ISP)

A conjunção “se”, segundo Dancygier e Sweetser (2005) expressa postura epistêmica negativa ou neutra, mas existe outro fator determinante para a definição dessa postura: o tempo verbal. Por meio do tempo verbal pode-se especificar a postura epistêmica. A ocorrência acima tem o tempo verbal no pretérito imperfeito do subjuntivo, indicando, portanto, postura epistêmica negativa.

Outro fator determinante para análise da distância epistêmica é a associação mental do falante em relação ao evento ou à cena apresentada. Observe a ocorrência a seguir:

(37) “Se chover, vai toda a gente para dentro de a estalagem”. (19N:Pt:Público)

No exemplo acima, a postura epistêmica do falante é neutra, uma vez que o falante não se associa, mentalmente, com os conteúdos apresentados – os dois espaços – chover ou não chover.

A partir dessas considerações, é necessário observar as ocorrências com a expressão “se não me engano”, a fim de verificar se a postura epistêmica será negativa ou neutra, já que apresenta a conjunção “se”.

²⁸ If clauses (...) are presented as non-positively viewed: the speaker does not commit to a fully positive stance toward this material

(38) “Mas, se não **me engano**, foi em novembro que... - Sim.. naquele dia.. um ataque cardíaco...” (19:Fic:Br:Costa:Sala)

(39) “Silêncio, que se não **me engano** aí vem o Trindade” (18:França:Cinismo).

Observou-se que a expressão “me engano” acompanhante da conjunção “se” está no presente do indicativo, indicando postura epistêmica positiva por parte do falante, uma vez que o mesmo aponta a si mesmo como fonte do saber, ou seja, o falante associa-se mentalmente com a prótase.

Conclui-se, dessa forma, que apenas a expressão “se não me engano” não segue o previsto pelas autoras Dancygier e Sweetser (2005). Assim, mais uma vez, parece-nos que a construção não integra a categoria das condicionais, já que foge do previsto, diferindo-se do que propõem Dancygier e Sweetser (2005): que a conjunção “se” indicará postura epistêmica neutra ou negativa. Parece também que isto acontece devido ao alto grau de subjetividade, revelado por “me”, ao utilizar a expressão “se não me engano” o falante associa-se com o que afirma.

5.1.5 ESPAÇOS MENTAIS

De acordo com Dancygier (1998, p. 16), “espaços mentais são construtos distintos das estruturas linguísticas, mas construídos de acordo com as diretrizes fornecidas pelas expressões linguísticas”.²⁹ Entende-se, a partir daí, que os espaços mentais são construtos que servem para guiar o ouvinte “para a criação de construções mentais paralelas às do falante, e também para se mover de um espaço mental para outro” (DANCYGIER, 1998, p.20).³⁰

Dancygier e Sweetser (1996) afirmam que em uma construção a proposição condicional é capaz de construir dois espaços partindo do espaço base. Neste sentido, Dancygier (1998) argumenta que os espaços mentais podem ser representados pelas condicionais, uma vez que as mesmas projetam um espaço alternativo dentro do enunciado. Em outras palavras a conjunção condicional, por exemplo, a conjunção "se", projeta na prótase uma condição para a predição presente em q (apódose), construindo, dessa forma, um espaço fundação, ou seja, o espaço mental alternativo.

²⁹ “Mental spaces are constructs distinct from linguistic structures but built up in any discourse according to guidelines provided by the linguistic expressions”.

³⁰ “The hearer is guided by the speaker’s language to set up mental constructs parallel to those of the speaker, and also to move from one mental space to another”.

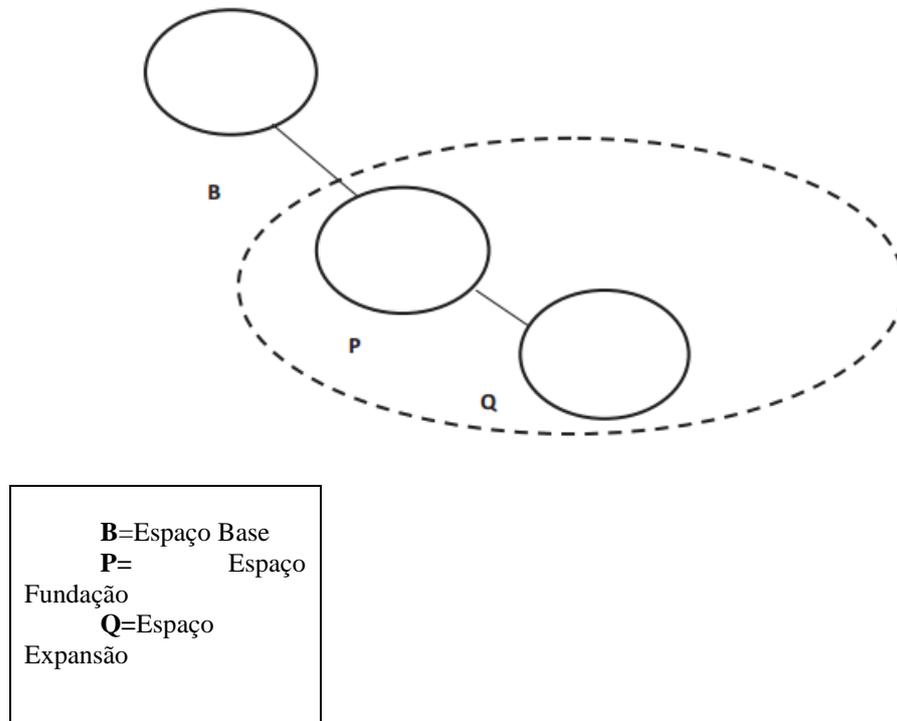
Para ilustrar sua proposição, as autoras (1996, p. 85)³¹ utilizam o seguinte exemplo:

(40) “Se chover amanhã, eles cancelarão o jogo”.

Partindo desse exemplo têm-se segundo elas que no espaço base não existe chuva, muito menos o cancelamento do jogo. A partir desse espaço (base), são construídos outros espaços, estes alternativos: num deles (espaço futuro) chove e o jogo é cancelado; no outro (espaço contrafuturo) não chove e o jogo não é cancelado. O último espaço contrapõe-se à predição feita no espaço futuro cuja chuva acontece e o jogo não, denominado, portanto, como espaço contrafuturo (DANCYGIER & SWEETSER, 1996).

Nas condicionais, especificamente, a oração da prótase (espaço fundação) é responsável pela criação do espaço mental consequente (expansão). Em cada construção condicionada são projetados dois espaços, o fundação e o expansão. A representação diagramática é a seguinte:

Figura 1 – Espaços mentais das Construções Condicionais



Fonte: Fauconnier (1997, p.132)

³¹ Exemplo retirado de Dancygier & Sweetser (1996, p. 85) “If it rains tomorrow, they’ll cancel the game”.

Tomando o exemplo apresentado por Dancygier & Sweetser (1996), “se chover amanhã, eles cancelarão o jogo”, tem-se a conjunção condicional “se”, da prótase, como elemento construtor do espaço fundação, que, então, estabelece a construção do espaço expansão (apódose – eles cancelarão o jogo).

Do mesmo modo, Dancygier (1998) afirma existir expressões construtoras de espaços mentais que tendem a criar novos espaços ou remeter o ouvinte a espaços já estabelecidos, como por exemplo, a conjunção “se” presente no exemplo (40) retirado de Dancygier & Sweetser (1996, p. 85) e também presente nos exemplos seguintes:

(41) “Se chover muito, isto pode ficar tudo alagado”. (19N:Pt:Público)

(42) “se ela quiser dançar ela dança aqui na sua frente”. (19Or:Br:LF:Recf)

(43) “Se ela quiser, eles casam”. (19:Fic:Pt:Rosa:Retrato)

Nessas condicionais, são criados, nos termos propostos por Fauconnier (1985), espaços mentais advindos da relação de causalidade e predição entre p e q. Verifica-se, nos exemplos acima, a projeção de espaços mentais com base nos eventos da proposição. Nas ocorrências (41-43) podem ser projetados dois espaços mentais alternativos, como ilustrado abaixo:

Tabela 1: Projeção de espaços mentais nas condicionais prototípicas

| Espaço Mental I | Espaço Mental II |
|-----------------|-------------------|
| Há chuva | Não há chuva |
| Há Alagamento | Não há alagamento |

| Espaço mental I | Espaço mental II |
|-----------------|---------------------|
| Ela quer dançar | Ela não quer dançar |
| Ela dança | Ela não dança |

| Espaço mental I | Espaço mental II |
|-----------------|--------------------|
| Ela quer casar | Ela não quer casar |
| Eles casam | Eles não casam |

Fonte: elaboração própria

Já nas proposições com a construção “se não me engano” a projeção de espaços mentais é totalmente afetada:

(44) “Ottawa se não me engano - uma das cidades canadenses”. (19Or:Br:LF:SP)

(45) “uma monografia, que chamava, se não me engano, Quem É Proletário no Brasil”. (19Or:Br:Intrv:Web)

(46) “foi escrita em língua síria - se não me engano...”. (19Or:Br:LF:SP)

Apesar da conjunção condicional “se” ser compreendida como uma expressão construtora de espaço mental, nas proposições acima tal fato não ocorre, uma vez que ao atuar como uma construção esquemática [se não me engano] a função de condicionalidade é totalmente perdida, portanto a causalidade e a predição, fatores fundamentais no parâmetro “espaço mental”, não são atendidas.

Não é possível que o ouvinte construa um espaço mental alternativo na estrutura “se não me engano”, parece que isto ocorre devido ao alto grau de subjetividade da construção, evidenciado pelo uso de primeira pessoa (me):

Tabela 2: Projeção de espaço mental – “se não me engano”

| Espaço mental I | Espaço mental II |
|-------------------------------------|---|
| Se eu não me engano | Se eu me engano |
| Ottawa é uma das cidades canadenses | Ottawa não é uma das cidades canadenses |

| Espaço mental I | Espaço Mental II |
|---|---|
| Se eu não me engano | Se eu me engano |
| A monografia se chama “quem é proletário no Brasil” | A monografia não se chama “quem é proletário no Brasil” |

| Espaço mental I | Espaço Mental II |
|-----------------------------|---------------------------------|
| Foi escrita em língua síria | Não foi escrita em língua síria |
| Se eu não me engano | Se eu me engano |

Fonte: elaboração própria

A projeção do espaço mental nas proposições expostas não é possível, pois o falante não usa o conector condicional para construir um espaço mental, em que haja a descrição de possíveis fatos do mundo, e em seguida, em outro espaço haja o resultado do conteúdo, dos possíveis fatos. (Dancygier & Sweetser, 2005).

A projeção não é admissível, uma vez que a apódose não está ligada à prótase, como acontece em “se chover, a colheita será má”. Em “se não me engano Ottawa é uma cidade canadense”, “se não me engano” não cria um espaço, um simulacro dentro do qual é possível afirmar ou não afirmar a apódose “Ottawa ser uma cidade canadense”.

Mesmo que se tente construir espaços mentais, como ilustrado acima, não será projetado um terceiro espaço em que se configurará o sentido, pois na construção de espaços mentais por meio de condicionais, o ouvinte não está considerando cursos possíveis de eventos (se estiver ou não enganado), ele tem o objetivo comunicativo de projetar um evento possível (espaço fundação) e projetar seus resultados (espaço expansão), com base no contexto criado no que foi enunciado pelo falante.

Portanto, novamente, a construção “se não me engano” não atendeu a um dos parâmetros de condicionalidade (DANCYGIER, 1998), distanciando a construção do campo da condicionalidade.

Conclui-se, a partir da análise dos parâmetros definidores de condicionalidade (DANCYGIER, 1998), que, apesar da construção atender ao parâmetro não-assertividade a mesma não pode ser compreendida como uma condicional, não pode-se afirmar que sua função está no âmbito da condicionalidade, uma vez que a construção não atendeu a maioria dos parâmetros, e, muito menos, aos principais parâmetros de condicionalidade, como o parâmetro “causalidade”, o parâmetro “predição” e o parâmetro “espaços mentais”.

Logo no início desta análise já se verificou a importância da causalidade numa construção, conforme a defesa de Dancygier (1998) de que em algum grau as condicionais devem apresentar traços de causalidade. Ao observar os parâmetros de condicionalidade, conclui-se que a construção “se não me engano” não atua como uma condicional prototípica, uma vez que não marca causalidade entre apódose e prótase. Seu funcionamento parece encaminha-la para o campo das modalidades, uma vez que a mesma marca a relação entre o enunciado e as crenças do falante.

O que fica evidente, pela análise realizada aqui, é que a construção não apresenta predição e não é capaz de projetar espaços mentais, o que demonstra a sua funcionalidade distinta da condicional, e a distancia da maioria dos parâmetros de condicionalidade. Dessa

forma, a análise dos parâmetros definidores de condicionalidade evidenciou que a construção em estudo não atua funcionalmente como uma oração condicional, uma vez que ela não compartilha de suas características mais básicas, conforme descrito acima.

5.2 A POSIÇÃO DA CONSTRUÇÃO NAS ORAÇÕES: ANTEPOSTA, INTERCALADA E POSPOSTA.

Verificou-se, nos dois *corpora*, a predominância da construção “se não me engano” na posição intercalada e na posição posposta em relação à oração núcleo, o que contraria a característica básica da preferência pela posição anteposta à oração núcleo, como nas ocorrências abaixo:

(12) “se eu for chamado a depor, entrego todos eles”. (19:Fic:Br:Cabral:Xambioa)

(13) “se a secretaria tem falta de um assistente social, ela pode, ela contrata um assistente social na lista dos concursados. Ela puxa um assistente social”. (19Or:Br:Intrv:Cid)

Para Dancygier (1998), a ordem das condicionais vai além da simples escolha do falante. A ordenação dos elementos numa condicional está ligada à ordem dos acontecimentos. Assim, causa posiciona-se anteriormente à consequência, como nas ocorrências acima: a causa (ser chamado a depor; a secretaria necessitar de assistente social) precede a consequência (entrega de todos eles à polícia; contratação de um assistente social na lista dos concursados).

O princípio que parece motivar a ordem das condicionais é a iconicidade. A ordem linear é icônica à sequência dos eventos descritos, ou seja, a ordem linguística reflete a ordem dos eventos do mundo real. Haiman (1980, apud Dancygier, 1998, p. 73), afirma que a ordenação dos elementos constituintes numa proposição dentro da língua faz paralelo com a experiência física e/ou com a ordem do conhecimento. Neste sentido, Haiman (1980) compara a iconicidade com a aquisição da linguagem, assumindo que as crianças tendem a produzir frases de acordo com a ocorrência dos eventos.

Givón (1995) coloca a iconicidade dividida em três subprincípios, relacionados à quantidade de informação, ao grau de integração entre os constituintes da expressão e do conteúdo, e à ordenação linear dos segmentos. O subprincípio da ordenação linear propõe que a ordem das informações num enunciado indica a ordem de importância para o falante, assim

como a ordem de acontecimento dos fatos. Isso significa que a condição precederá a consequência.

Para a investigação nesta dissertação, utilizar-se á a conceituação apenas do subprincípio da ordenação linear, a fim de verificar se a construção “se não me engano” apresenta maior frequência na primeira posição (sintaticamente), assim como proposto pelo princípio, já que numa oração a ordem dos acontecimentos do fato é visível, conforme acontece nas condicionais prototípicas, cuja prótase apresenta a causa (primeiro fato) e a apódose a consequência (segundo fato).

Para tanto, a construção “se não me engano” será analisada em três posições diferentes: anteposta, intercalada e posposta ao núcleo, conforme segue:

a) Condicional anteposta à oração principal

(14) “**Se não me engano**, mais de uma cantiga popular consagra o princípio das relações verdadeiramente herméticas do nome e do destino”. (19:Fic:Pt:Migueis:Pascoa)

(15) “**Se não me engano**, é o Senhor Doutor Chefe de Polícia da Corte?”. (18:França:Maldita)

(16) “**Se não me engano**... é o capítulo... vinte e dois...” (EF – 382).

(17) “**Se não me engano** havia um mágico e me parece que foi só”. (DID 45)

b) Condicional intercalada à oração principal

(18) “ROÇAGAR - Este verbo, **se não me engano**, já foi usado; eu mesmo o escrevi freqüentes vezes sem investigar”. (18: Alencar: Diva)

(19) “O velho Plutão, **se não me engano**, usa o tridente, mas isso nos tempos mitológicos, quando havia patações de três, que obrigavam os sujeitos a cair de quatro aos cinco”. (18: Menezes: Prosa)

(20) “A rua te... ah, **se não me engano** terminava no número sessenta e cinco, então você vê que era uma rua pequena”. (DID 140)

(21) “cuspir no chão na cidade de Washington... **se não me engano** custa quinhentos dólares”. (inquérito 27).

c) Condicional posposta à oração principal

(22) “Mas entre os zines, posso citar o Sombrias Escrituras” (RJ), tradicional no meio (está no número 12 - **se não me engano...**”). (19Or:Br:Intrv:Web)

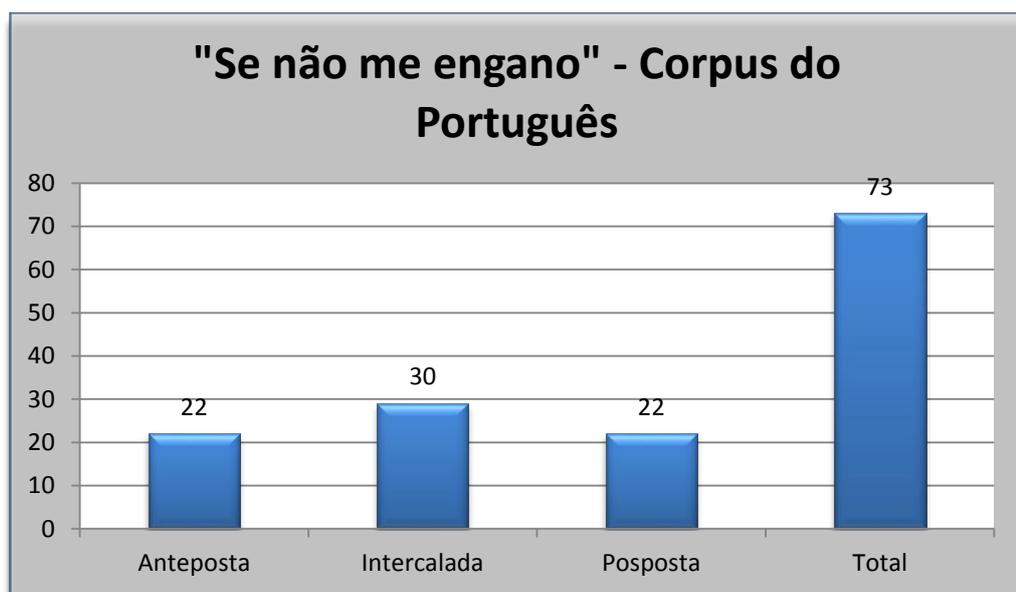
(23) “Para se ter uma idéia, no site oficial do Xbox, o Brasil é o oitavo em número de acessos, **se não me engano**”. (19Or:Br:Intrv:Web)

(24) “o nome das ruas veio inclusive de moradores, a D. Bambina era uma filha do Marquês de Olinda, **se não me engano** (Inquérito 133)”.

(25) “E o nosso é azul, azul danúbio **se não me engano**”. (DID 353)

A frequência da posição do “se não me engano” com relação à oração núcleo assim se distribui:

Gráfico 1: As posições da construção “se não me engano” em relação à oração principal - *corpus* do português.



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 2: As posições da construção “se não me engano” em relação à oração principal – Projeto NURC-RJ.



Fonte: Elaboração própria

Enquanto foram encontradas 39 ocorrências, unindo os dois *corpus*, da construção “se não me engano” na posição anteposta, foram levantadas 60 ocorrências na posição intercala e 52 na posposta.

Nota-se, com os resultados apontados acima, que apesar da posição intercalada predominar nos *corpus* analisados, há um equilíbrio numérico entre as posições intercalada e posposta. Portanto os dados contrariam o subprincípio da iconicidade, a construção “se não me engano” é mais frequente na posição intercalada e na posição posposta, ou seja, não é mais frequente na posição anteposta, como nas condicionais prototípicas. Essa predominância contraria também o pressuposto de que nas condicionais a posição menos frequente é a posição intercalada, já que nesta análise constata-se que a posição intercala é, nos dados, a mais frequente.

Acerca da influência da posição no significado da construção, percebe-se que, independentemente, da posição da construção a significação de modalizador epistêmico permanece, o falante se posiciona sobre determinado enunciado ao colocar a construção na posição anteposta ao núcleo e ao colocá-la na posição intercalada ou posposta.

Cohen (1971, *apud* Dancygier, 1998, p. 74), afirma sobre as condicionais que “as condições de verdade podem mudar quando a ordem das orações é alterada...”.³² Entretanto, o que se observa nas construções “se não me engano” é que mesmo que ocorra a mudança de posição (anteposta ao núcleo, intercalada ao núcleo ou posposta ao núcleo) o significado não é alterado, veja o seguinte exemplo:

(26) “Pernas, eh, chamada tesoura, **se não me engano**.” (DID O9)

Observou-se que a construção “se não me engano”, em (26), encontra-se na posição posposta ao núcleo (como é chamada as pernas), no entanto, a função de modalização se mantém e o significado transmitido pela construção é o posicionamento do falante sobre a verdade da oração núcleo, que não se compromete com a veracidade do que enunciou (pernas ser chamada de tesoura).

Para a verificação da influência da posição da construção na significação de modalizador epistêmico, “se não me engano” será mudado de posição na ocorrência. Primeiramente, a expressão “se não me engano” ficará na posição anteposta ao núcleo, e após, na posição intercalada ao núcleo:

(26a) “**Se não me engano**, Pernas, eh, chamada tesoura.” (DID O9)

(26b) “Pernas, eh, **se não me engano**, chamada tesoura.” (DID O9)

Diferentemente do que ocorre nas condicionais prototípicas, em (26a-26b), apesar da alteração da ordem das orações, a função de modalizador epistêmico permanece. Em outras palavras, a afirmação de Cohen (1971, *apud* Dancygier, 1998) sobre o comprometimento das condições de verdade das condicionais não é identificada nas ocorrências com a construção “se não me engano”. Assume-se, novamente, a significação da construção na zona dos modalizadores e não na condicionalidade.

O que há de diferente referente ao posicionamento é a questão da ordem de importância dos fatos, o que nos remete novamente à iconicidade, especificamente ao subprincípio de ordenação linear cuja defesa é de que a ordem das informações numa proposição indica a ordem de importância para o falante. Veja os seguintes exemplos:

³² “the truth conditions may change when the order of the conjuncts is changed”.

(27) “**Se não me engano** é o mesmo cavaleiro que me fez as honras da chegada, não? - Inhor, sim”. (18: Oliveira: Guidinha)

(28) “Íamos, **se não me engano**, pela Rua das Mangueiras, quando, voltando-nos, vimos um carro elegante que levavam a trote largo dois fogosos cavalos”. (18: Alencar: Lucíola)

(29) “Foi final de novembro de 2002. Vinte e sete de novembro, **se não me engano**”. (19Or:Br:Intrv:Web)

Nota-se, em (27-29), que a posição não tem influência alguma na função de modalizador epistêmico exercida pela construção em estudo, tanto na posição anteposta, quanto na intercalada ou posposta ao núcleo, fica claro que o falante a utiliza a fim de modalizar o enunciado, a fim de não se comprometer com o que diz: ser o mesmo cavaleiro que o fez as honras; estavam indo na rua das Mangueiras; a data ser vinte e sete de novembro.

No entanto, enquanto na ocorrência (27) o mais importante para o falante é evidenciar que ele não tem certeza sobre o que diz, nas ocorrências (28-29) o mesmo busca evidenciar os fatos primeiramente e, somente após dizê-los, se posicionar de forma a não se comprometer com o que disse ou com a verdade do enunciado.

Cabe, porém, deixar claro, que apesar da afirmação de que a construção atende ao subprincípio da ordenação linear quanto a ordem de importância para o falante, a mesma continua a não atender quanto a ordem de acontecimentos dos fatos. Isso se dá devido à função de modalização que a construção vem ganhando. Dessa forma, o falante se posiciona quanto ao enunciado, estipulando quase inconscientemente a importância das informações para ele.

Esse comportamento é diferente do que acontece nas condicionais prototípicas, que estão ligadas à ordem dos fatos, a ordem dos acontecimentos, independente do posicionamento do falante, ou do julgamento do mesmo sobre qual fato deve vir primeiro, a ordem dos fatos trata-se, nas condicionais prototípicas, de uma relação lógica de causa e consequência.

Neste parâmetro de análise, os dados apontam para a perda de traços de condicionalidade, uma vez que o significado construído pela oração condicional deixa de indicar uma situação hipotética, dessa forma, como consequência, a proposição nuclear não depende da condicional, como acontece nas condicionais prototípicas, em que há a

combinação de uma proposição condicionante com uma proposição consequência (resultado), ferindo o princípio de ordenação linear em que causa localiza-se anteriormente à consequência.

Ou seja, a construção “se não me engano” fere o princípio de iconicidade que institui que a causa deve ser exposta antes da consequência (anteposição), já que as informações mais imprescindíveis para assegurar a ligação aparecem em primeiro lugar.

O resultado alcançado nesta análise mostra que, nas construções “se não me engano”, a preferência pela anteposição não está presente, de modo que, por meio do levantamento das ocorrências no *corpus* em estudo, constatou-se a predominância da posição intercalada, o que, novamente, contribui para a afirmação de que a construção “se não me engano” perdeu traços de condicionalidade, pois a não preferência pela anteposição demonstra que o significado construído pela construção não estabelece uma relação de causalidade (causa-consequência), cuja causa deve estar localizada antes da consequência (iconicidade).

5.3 O MODALIZADOR EPISTÊMICO “SE NÃO ME ENGANO”

Este capítulo busca verificar se a estrutura “se não me engano” apresenta características dos modalizadores epistêmicos.

Ao observar os exemplos abaixo (47-49), percebe-se que, ao utilizar a estrutura “se não me engano”, o falante busca marcar seu posicionamento no nível da não-certeza, no nível da possibilidade:

(47) “Como é o nome daquela rua? É Salvador de Sá, **se não me engano**”. (DID 191).

(48) “Olha, eu conheço muito pouco, viu? Mas **se não me engano**, tem o, ah, chamado cavalo, tem rei”. (DID 16).

(49) “eu não me estou lembrando... foi alguém do quinto andar **se não me engano**” (D2 – 269).

Ao utilizar a estrutura “se não me engano” nas ocorrências acima, o falante se afasta do comprometimento com a verdade do conteúdo por ele enunciado, não assume a verdade de sua afirmação, portanto, posiciona-se entre o contínuo do certo e possível, especificamente no nível da possibilidade, da não-certeza. Percebe-se, nas três ocorrências, que a estrutura “se

não me engano” marca o posicionamento do falante sobre um enunciado, marca a si próprio como fonte da evidência (GIVÓN, 1995), marcando assim sua incerteza sobre a veracidade ou a adequação da proposição expressa. Em outras palavras, ao invés de exercer funções de condicionalidade, atua como modalizador epistêmico.

Em (47), o falante considera a possibilidade do nome da rua ser “Salvador de Sá”, porém, não afirma e não se compromete. Ele julga a verdade do conteúdo enunciado como possível e não como verdadeiro. Semelhantemente, em (48), o não comprometimento do falante se torna evidente, já que além de marcar com “se não me engano”, utiliza a expressão “eu conheço muito pouco, viu”, revelando, dessa forma, que o falante utiliza as expressões como estratégia de polidez, a fim de que, caso o ouvinte venha a questioná-lo ou refutar sua afirmação, o mesmo está prevenido, afinal, em momento algum ele apresentou o conteúdo da proposição no campo extremo da certeza, pelo contrário, marcou o conteúdo (o xadrez ser composto por cavalo, rei) como possibilidade, ou seja, colocou seu enunciado no nível da não certeza.

E por fim, em (49), o falante já inicia sua proposição se prevenindo de possíveis questionamentos do ouvinte “eu não me estou lembrando” e no decorrer da proposição, após apresentar o conteúdo (foi alguém do quinto andar) marca seu não comprometimento novamente, evidencia seu julgamento sobre o enunciado apresentado: apenas considera-o como possível. O falante não coloca seu enunciado como pertencente ao nível da total certeza.

Neste sentido, contribuindo para a hipótese de que a estrutura “se não me engano” está muito próxima da categoria dos modalizadores epistêmicos, invoca-se a afirmação de Dall’Aglio-Hattner (1996, P. 172), para quem: “Por meio da modalização epistêmica o falante avalia como certa ou possível a realidade (...) ou a veracidade de uma proposição”, como pode-se observar nos exemplos a seguir:

(50) “**se não me engano** um habitante por quilômetro quadrado, uma das fracas densidades populacionais do mundo”. (DID 148)

(51) “Como era o carro que seguiu vocês? - Não tenho certeza quanto à marca ou ao ano, mas **tenho certeza** de que era cinza-metálico, foi o que me chamou a atenção”. (19:Fic:Br:Garcia:Silencio)

Verificou-se em (50) exatamente esse posicionamento do falante sobre a veracidade de uma proposição, ao utilizar “se não me engano” o falante avalia como possível a veracidade

da proposição “existir um habitante por quilômetro quadrado”, diferentemente do que ocorre em (51) em que o falante se compromete totalmente à veracidade da proposição por meio da expressão “tenho certeza”.

Outras considerações sobre modalizadores são expostas por Dall’Aglio-Hattner (1996, p. 172): “Essa avaliação pode ser feita segundo o conhecimento que só o falante tem ou de um conhecimento que é comum” e “segundo as intenções comunicativas do falante, ele pode escolher explicitar ou não a fonte do seu saber”. No caso da estrutura “se não me engano”, o falante coloca a si mesmo como fonte do saber. Veja as seguintes ocorrências:

(52) “E você falou em cabelo, **se não me engano**, não é? Como é que anda o capítulo dos cabelos?”. (DID 35)

(53) “Eh, existem fazendas de café, você pega aquela rodovia do, do café, chama, **se não me engano**, Castelo Branco, se não é Castelo Branco é Fernão Dias Pais”. (DID-RJ: 107).

(54) “o negócio do éter é o seguinte... nós estávamos no avião... eh... nós íamos de:... Praga para: Roma... estávamos num avião... eh... da com da:... **se não me engano**... da companhia russa”. (D2-RJ:296).

Na ocorrência (52), o falante avalia como possível a veracidade da proposição (o ouvinte ter falado em cabelo), porém, dessa vez, a avaliação da proposição pode ser feita segundo o conhecimento comum entre falante e ouvinte (o ouvinte ter ou não falado sobre cabelo).

Em (53-54), a avaliação do falante sobre a proposição (o nome da rodovia do café; e a qual companhia pertence um determinado avião) é também como um fato possível e não como uma certeza, porém nesta ocorrência o falante aponta somente a si como fonte do saber, diferentemente do que acontece em (52).

Ao apontar a si mesmo como fonte do saber, estabelecendo alto grau de subjetividade à avaliação do conteúdo da proposição, o falante relativiza o enunciado de forma consciente para garantir que seu interlocutor não considere o enunciado totalmente idôneo e seguro. Além disso, ao apontar a si mesmo como fonte do conhecimento o ouvinte irá julgar que não se trata de uma fonte altamente segura, tal como acontece na seguinte ocorrência:

(55) “mas falando em urubu eu me lembrei - do outro bicho desse que come carniça - que eu vi no natural sobre a África (3s) que limpa tudo - agora não me lembro o nome não - parece o urubu mas aquele sim que é - horrível - grande (3s) pescoço assim pelado - meio esquisito”. (19Or:Br:LF:Recf)

Na ocorrência acima, o falante modaliza seu enunciado (eu vi), apresentando a fonte do conhecimento (num programa chamado natural sobre a África). O falante, desse modo, referencia a informação por meio da exposição da fonte do saber, a qual ele julga segura, esperando, portanto, que seu interlocutor julgue-a da mesma forma, afinal é possível que este compartilhe desse fato exposto pelo falante. Na ocorrência (55) há uma relação comunicativa entre falante e ouvinte, cujo fato enunciado recebe peso distinto do recebido nas ocorrências (53-54).

Enfim, percebe-se que a construção “se não me engano”, apesar de concebida tradicionalmente como uma condicional, foi convencionalizada entre os falantes como uma estratégia de descomprometimento sobre determinada proposição, em outras palavras, nas ocorrências com “se não me engano” a proposição nuclear não depende da condicional como ocorre nas condicionais prototípicas, o que é fundamental no seu funcionamento é o posicionamento do falante sobre a veracidade de uma proposição.

Faz-se necessário a análise de outro fator relevante para a constatação de que a estrutura “se não me engano” integra a categoria dos modalizadores epistêmicos. Trata-se da possibilidade da substituição da estrutura por outros modais, como: *acho que, parece que, acredito que*. A fim de verificar se a estrutura “se não me engano” permite a substituição pelos modais referidos, substituir-se-á a estrutura nas ocorrências (63-64) por alguns modais:

(56) “inclusive há agora um plano aí do novo secretário... né? de transportes... um plano aqui de sair uma linha aqui do Mourisco **se não me engano**... Botafogo”. (D2-RJ: 269)

(57) “Então a pessoa se inscreve nesse plano, ela faz uma espécie de carnê, pago, era pago mensalmente. **Se não me engano** eram vinte e quatro ou trinta cotas.” (DID 232)

Quadro 3: a substituição da estrutura “se não me engano” por modalizadores - ocorrência (56).

| | |
|------------------|--|
| Se não me engano | |
|------------------|--|

| | |
|--------------|----------|
| Eu acho que | Botafogo |
| Acredito que | |
| Creio que | |
| Parece que | |

Fonte: Elaboração própria

Quadro 4: a substituição da estrutura “se não me engano” por modalizadores - ocorrência (57).

| | |
|------------------|-------------------------------------|
| Se não me engano | Eram vinte e quatro ou trinta cotas |
| Eu acho que | |
| Acredito que | |
| Creio que | |
| Parece que | |

Fonte: Elaboração própria

Percebe-se que ao utilizar os modais “acho que”, “acredito que”, creio que” e “parece que”, conforme as tabelas acima, alcança-se o mesmo efeito que o uso de “senão me engano”, por meio deles o falante “não se compromete com a verdade do que é dito, e, com isso, revela baixo grau de adesão ao enunciado, criando um efeito de atenuação” (NEVES, 2006, p. 247), além de se apontar como fonte do conhecimento.

Assim, fica evidente a semelhança da construção “se não me engano” com os verbos “achar”, “parecer”, “acreditar”, “crer”, como a subjetividade transmitida em ambas: a relação entre o falante e suas crenças, apesar de perceber-se a estrutura "se não me engano" mais subjetiva que "parece que": o falante ao utilizar "parece que" se expõe em menor grau do que ao utilizar a estrutura em estudo.

Averiguou-se também, nos *corpora* utilizados nesta dissertação, que as expressões modalizadoras “acho que” e “parece que” podem ocorrer juntamente à estrutura “se não me engano”, como nos exemplos a seguir:

(58) “No final da vida, acho que a última obra, **se não me engano**, são as 24 Valsas Brasileiras. São muito interessantes, são obras muito bonitas...” 19Or:Pt:Intrv:Web

(59) “Aqui no Rio tinha uma espécie de banana parecida, parece que **se não me engano** era banana-figo que eles chamam aqui no Rio”. (DID-RJ:328).

(60) “eh, o caldo é justamente é uma água misturada com uma farinha, eu acho que é, é ta... tacacá, **se não me engano**, o nome da farinha que eles usam”. (DID-RJ:328).

(61) “Existe uma companhia que faz o, compõe todos os catálogos, é a, acho que é Lista Telefônica, **se não me engano**”. (DID 232)

(62) “São poltronas. Poltronas e parece que são, se não me engano, são só dois, dois vagões.(DID 353)”.

O objetivo desta junção parece estar ligado a marcação do valor de dúvida, em outras palavras, o falante busca reforçar seu posicionamento sobre o que enuncia, ou seja, seu não comprometimento ao conteúdo enunciado por ele, tornando mais evidente esse posicionamento, essa avaliação sobre o conteúdo da proposição. Com a junção do “se não me engano” aos outros modais (acho que, parece que) o enunciado se aproxima ainda mais do nível da possibilidade, em outras palavras, do campo da não-certeza.

Conclui-se, dessa forma, que a estrutura “se não me engano” limita-se às interpretações de modalidade, pois, além da perda das propriedades condicionais, verificou-se nesta seção o caráter modal da construção, uma vez que a mesma é utilizada pelos falantes para distanciarem-se de uma proposição, como acontece nas expressões “acho que”, “parece que”, “acredito que”, “creio que”, deixando, dessa forma, seu interlocutor mais livre para tomar suas conclusões, não se responsabilizando com a verdade do que enuncia.

5.4 EVIDENCIALIDADE

Primeiramente, constata-se que as proposições em que o conhecimento afirmado foi obtido a partir de uma inferência, ou seja, evidencialidade indireta são mais produtivas nos dois corpus analisado àquelas proposições integrantes da evidencialidade direta. Dentro desta categoria há duas manifestações possíveis: a relatada ou a inferida.

(63) “em sessenta e um, **se não me engano**, ou sessenta e três, quando eu cheguei, eu já encontrei aqui os supermercados”. (DID 253)

(64) “No show da Gal tinha três instrumentos de percussão, **se não me engano**” (DID 45)

(65) “a D. Bambina era uma filha do Marquês de Olinda, **se não me engano**”. (Inquérito 133)

Na evidencialidade indireta o falante demonstra que obteve a informação da proposição por meio de inferência ou relato. Especificamente na construção “se não me engano” parece que o falante assume a inferência como sua exclusivamente. Dessa forma, a confiabilidade da veracidade da proposição está nas mãos do falante, autor comunicativo da proposição. Todas as proposições acima não conseguem transmitir uma total confiabilidade, pois a mesma está exclusivamente nas mãos do falante, por exemplo em (65) não se pode acreditar totalmente na afirmação do falante de que a D. Bambina era uma filha do Marquês de Olinda, pois essa afirmação foi feita com base em uma inferência do falante e não em outras fontes.

Diferentemente do que acontece na evidência relatada. A manifestação de evidência relatada é utilizada pelo falante para indicar que as evidências apresentadas em sua proposição foram obtidas a partir de outra fonte, conforme a proposição a seguir:

(66) “Assim que eu for convocado. Segundo o meu advogado (Flávio Jacinto) ainda não houve comunicação oficial”. (19Or:Br:Intrv:Pov)

(67) “Segundo o IBGE, o Grajaú foi o bairro que mais cresceu em São Paulo”. (19Or:Br:Intrv:ISP)

Em proposições como (66-67) a evidencialidade indica a fonte do saber apresentada que garante a confiabilidade do enunciado. Ao apontar que sua afirmação está baseada numa outra fonte o enunciado ganha veracidade e confiabilidade.

Diferentemente do que ocorre nas ocorrências (63-65), cujo falante aponta-se como o sujeito da incerteza da proposição, modalizando, dessa forma, seu enunciado. Sobre a evidencialidade, compreende-se que o falante é quem tem acesso às evidências que levam a enunciação da proposição, ou seja, ele é a única fonte do saber.

Compreende-se a partir disto que a construção “se não me engano”, assim como os verbos “achar” e “acreditar” (DALL'AGLIO-HATTNER, 2007, p. 138) indicam evidencialidade e também o grau de avaliação do falante sobre a verdade da proposição.

Observe a seguir que apesar do tipo de evidência ser o mesmo, ou seja, evidencialidade indireta, os efeitos alcançados, no que tange o valor da verdade da proposição, são diferentes.

(68) “Acreditamos que esta é uma nova espécie a que chamamos de Homo antecessor”.
19N:Br:SCat

(69) “Já nos disseram que não é possível voltar atrás com o negócio, porque já há muito dinheiro gasto. ao que parece, em Ponte de Lima o edifício já está construído”.
19Or:Pt:Intrv:Web

(70) “logo que saiu um dos primeiros jatos... ()... eh:... teve quatro **se não me engano**”. (D2 – 296)

(71) “**Acho que** foi uma de uns quatro ou cinco metros de comprimento”. 19Or:Br:Intrv:Cid

Nas proposições fica claro que ambas tratam-se de evidencialidade indireta, porém enquanto em (68-69) a inferência é de domínio comum, em (70-71) ao utilizar o verbo “achar” e a construção “se não me engano”, o falante indica que constatou a afirmação da proposição exposta apenas por meio da sua própria inferência, transmitindo, conseqüentemente, um elevado grau de incerteza sobre a veracidade da proposição.

Especificamente sobre a construção “se não me engano” pode-se afirmar que a manifestação epistêmica é a de incerteza sobre a veracidade ou o valor da verdade da proposição, sendo que esta manifestação é baseada em uma evidência (o conhecimento do próprio falante – o falante como a única fonte de saber).

Conclui-se, portanto, nesta seção que a evidencialidade transmitida nas ocorrências com a construção “Se não me engano” é a evidencialidade indireta, porém como o falante aponta exclusivamente a si mesmo como fonte do saber (evidência), a manifestação epistêmica torna-se clara no que tange ao grau de incerteza sobre a veracidade da afirmação.

5.5 REDUÇÃO DO MATERIAL FÔNICO: PASSO GRADUAL DE MUDANÇA

Dentro da abordagem construcional, têm-se os pressupostos sobre mudança construcional e sobre construcionalização. Esta dissertação não se aprofundará nesse viés, porém cabe discutir alguns pontos relevantes, que indicam a mudança construcional e a construcionalização da estrutura “se não me engano”.

Traugott e Trousdale (2013, p. 26) afirmam que “a mudança construcional é uma alteração que afeta a dimensão interna de uma construção. Isso não envolve a criação de um novo nó”³³. Ou seja, mudanças não levam a uma nova construção, mas apontam para as variações.

Pode-se confirmar a estrutura como uma construção, uma vez que é um pareamento de forma e significado, que age como um esquema (chunking), já que a sua forma, como um todo, transmite o significado, e não a soma das partes, em outras palavras, devido ao uso frequente dos elementos “se + não + me + engano” na língua, foi criado na mente dos falantes o type, que é reafirmado cada vez que esta estrutura é usada (token) pelos falantes, como acontece nas ocorrências abaixo:

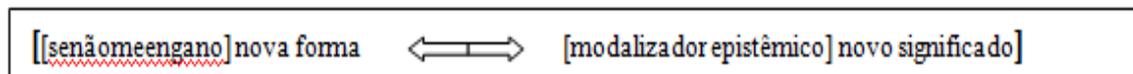
(72) “Perguntei se tava a passeio, respondeu ter vindo visitar um tio. Era do Recife, **se não me engano**”. (19:Fic:Br:Louzeiro:Devotos)

(73) “E essa chamada, eh, você pode, **se não me engano**, ficar três minutos”. (DID 232)

O esquema “se não me engano” em (72-73) remete ao significado de modalizador epistêmico: o falante não se compromete com a verdade do enunciado, ele avalia a veracidade do conteúdo da proposição como incerta. Nas ocorrências especificamente, o falante avalia como possível os conteúdos enunciados por ele: a pessoa ser de Recife; o tempo permitido da chamada ser três minutos.

Há, desse modo, um pareamento de forma [se não me engano] e função [modalizador epistêmico]. Esse pareamento pode ser representado da seguinte maneira:

Figura 2: Pareamento Forma e Significado da construção.



Conclui-se, portanto, que a estrutura “se não me engano” é uma construção, afinal, a forma como um todo é responsável pela transmissão do novo significado (modalizador epistêmico), e não as partes que a integram isoladamente (conjunção condicional se, o

³³ “A constructional change is a change affecting one internal dimension of a construction. It does not involve the creation of a new node”.

pronome me, o morfema negativo não, o verbo enganar). Ou seja, há o pareamento forma-significado.

Acerca do passo gradual de mudança, pode-se afirmar que uma mudança específica na construção “se não me engano” aponta para variação. A construção “se não me engano” parece ter sofrido redução de elemento, uma vez que, os dados analisados revelam a predominância da construção sem o pronome de primeira pessoa “eu”, a frequência da construção “se não me engano” é maior que a “se eu não me engano”, conforme as ocorrências a seguir:

(74) “e outra coisa as agências - loca éh:: nos subúrbios fecham às seis horas da noite se eu não me engano”. (19Or:Br:LF:Recf)

(75) “eu tive oportunidade de ver um trailer - parece ininteressante fui ver as filmagens - aquele outro: se eu não me engano é A Moreninha - não tenho - bem lembrança”. (19Or:Br:LF:Recf)

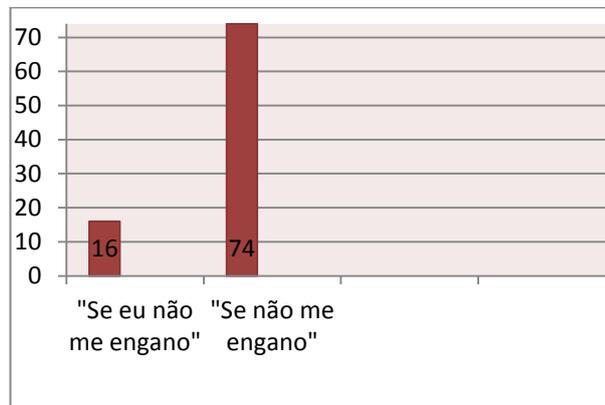
(76) “ingratamente não me recordo do apresentador do programa que era o produtor também - éh - José Carlos Romeu - se eu não me engano era o nome dele”. (19Or:Br:LF:SP)

A perda do pronome em primeira pessoa “eu” presente em algumas ocorrências, como as ilustradas acima, remete-nos a questão da mudança, da variação. Traugott e Trousdale (2013, p. 52) afirmam que “ao longo do tempo, é possível que os membros marginais da categoria se tornem mais centrais e vice versa”.³⁴ No caso da construção em estudo o membro mais central, mais marcante “eu” se tornou marginal no sentido de que a construção predominante e mais frequente é aquela em que o pronome não está presente.

Como atestado no *corpus* do português e no *corpus* mínimo do projeto NURC-RJ, os gráficos abaixo ilustram essa verificação:

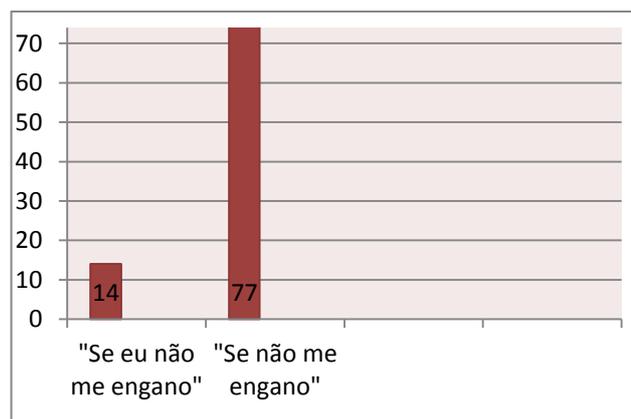
³⁴ “But over time, it is possible for marginal members of a category to become more central, and vice versa”.

Gráfico 3: comparativo entre “se não me engano” e “se eu não me engano” no *corpus* do português



Fonte: elaboração própria

Gráfico 4: comparativo entre “se não me engano” e “se eu não me engano” no Projeto NURC



Fonte: Elaboração própria

No *corpus* do português foram maiores as ocorrências da estrutura “se não me engano” em comparação à estrutura “se eu não me engano” assim como no *corpus* mínimo do Projeto NURC. Os dados evidenciam a preferência dos falantes pelo uso da construção sem o componente “eu”, pode-se, dessa forma, concluir que a convencionalização da construção sem o pronome é um passo gradual da mudança construcional, nos termos de Traugott & Trousdale (2013, p. 14) “...perda envolve mudança construcional”.³⁵ E mudança construcional envolve a convencionalização (Traugott e Trousdale, 2013).

A construção “se não me engano” sofreu, portanto, mudança construcional, pois houve a alteração da dimensão semântica: perdeu as características de condicional prototípica, integrando o campo dos modalizadores.

³⁵ “loss involve constructional changes”

Nesta seção, chegou-se à conclusão de que a estrutura “se não me engano” é uma construção, por tratar-se de um pareamento forma e significado, tendo a forma idiomática fixa (se+não+me+engano) com um significado específico (modalizador epistêmico), porém é necessário, conforme Traugott e Trousdale (2013), verificar se a construção em estudo se convencionalizou entre os falantes, para tanto a próxima seção dedica-se ao tratamento da convencionalização.

A seguir, analisar-se á a convencionalização da estrutura “se não me engano” como um modalizador epistêmico a fim confirmá-la como construção, confirmar a mudança construcional, uma vez que esta é estritamente ligada à convencionalização, bem como demonstrar seu enraizamento na mente dos falantes como um modalizador epistêmico.

5.6 CONVENCIONALIZAÇÃO

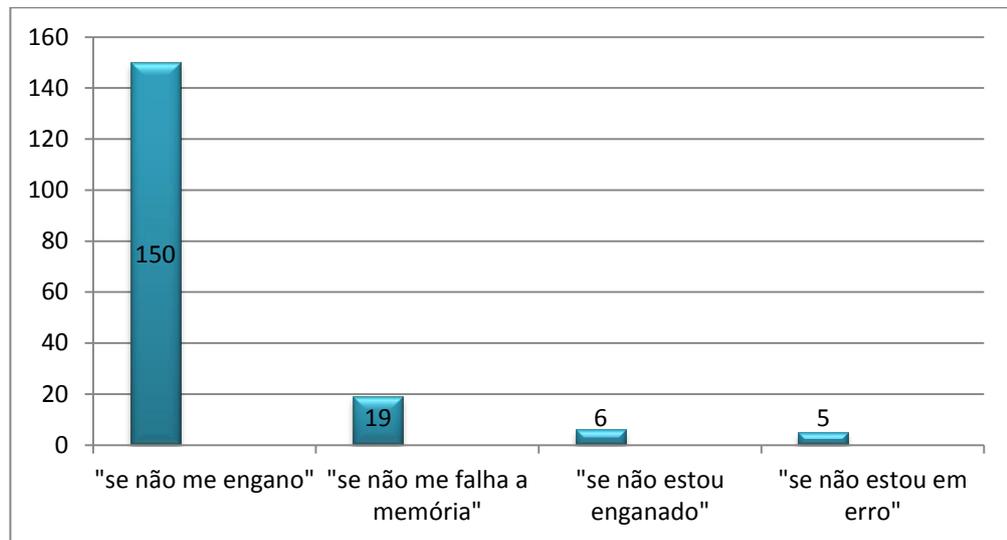
Esta dissertação parte da hipótese da existência de um alto valor de modalizador epistêmico na construção “se não me engano”, contrariando a concepção da construção como integrante do campo da condicionalidade. Esta suposição envolve a compreensão da estrutura “se não me engano” como uma construção, bem como a compreensão de que houve mudança construcional na estrutura. Para tanto, é necessário investigar se a estrutura está convencionalizada entre os falantes como um modalizador epistêmico, partindo do entendimento de que para que haja mudança e para a existência de uma construção é fundamental que a estrutura esteja convencionalizada.

A convencionalização diz respeito à alteração feita pelos falantes de uma dimensão específica de algo, a fim de estabelecer a categorização provisória, que não estava disponível anteriormente. Observe o exemplo seguinte:

(77) “Bom, na cabeça, se não me engano é crânio e fauce”. (DID 35)

Observa-se, na ocorrência acima, a manifestação da significação no campo da modalização epistêmica, o falante transmite um efeito que localiza-se entre o campo da extrema certeza e da total não-certeza, pois, o mesmo enuncia um conteúdo (na cabeça há o crânio e fauce), porém não se compromete com a veracidade desse conteúdo.

Primeiramente, verifica-se a grande frequência da estrutura “se não me engano”, contra a baixíssima frequência de expressões semelhantes no *corpus* adotado, estruturas como: “se não estou enganado”, “se não me falha a memória”, “se não estou em erro”, como ilustrado no gráfico abaixo:

Gráfico 5: Comparativo entre “se não me engano” e expressões semelhantes.

Fonte: elaboração própria

Nota-se no gráfico acima a preferência do falante pela estrutura “se não me engano”. Foram encontradas 150 ocorrências de “se não me engano”, 19 ocorrências de “se não me falha a memória”, 6 ocorrências de “se não estou enganado” e 5 ocorrências de “se não estou em erro” nos dois corpus analisados: *corpus* do português e *corpus* mínimo do projeto NURC – RJ.

A grande frequência da construção “se não me engano” já remete à convencionalização da mesma, afinal a referida passou a integrar a mente dos falantes como uma estrutura específica para determinado objetivo, determinada função (modalizador epistêmico), sendo a selecionada predominantemente, apesar da existência de construções semelhantes. Ou seja, conforme Goldberg (2006) o responsável pela criação de sentenças ou formas são os falantes e não as gramáticas.

Neste ponto, confirma-se a estrutura “se não me engano” como pertencente a rede construcional, ou seja, “se não me engano” pode ser considerada uma construção, cujo pareamento forma-significado está convencionalizado entre os falantes. Traugott e Trousdale (2013) afirmam que o uso de um determinado padrão, com sentido e forma ligados um ao outro e destinados ao atendimento de um objetivo constitui a convencionalização. É exatamente este uso pelos falantes que verificou-se no corpus, a construção (forma fixa) é frequentemente utilizada para fins de modalizar determinado conteúdo (função).

A estrutura “se não me engano” foi convencionalizada pelos falantes com uma nova função, a de modalizador epistêmico. Ou seja, os falantes alteraram uma dimensão específica

da condicional – a semântica - a fim de estabelecer a categorização provisória, que não estava disponível anteriormente, afinal não existe a construção “se não me engano” como modalizador epistêmico em nenhuma categoria da língua portuguesa, dessa forma foi se convencionalizando, tornando-se provisoriamente nova.

Sobre a mudança construcional, hipótese assumida nesta dissertação, Traugott (no prelo, apud Oliveira, 2013, p. 155) propõe que mudanças se iniciam com pequenos passos e em escalaridade, porém somente são consideradas como tais quando há a convencionalização entre os falantes. Traugott (2008) também defende que a convencionalização passa por aumento da esquematicidade, expansão da produtividade e redução da composicionalidade.

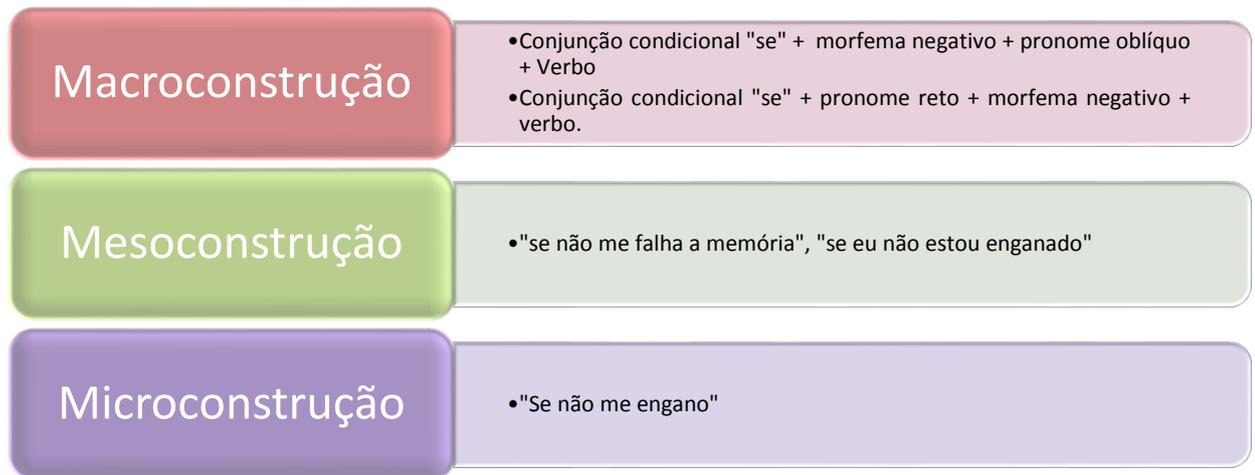
Nesta direção, além de ser possível a comprovação, por meio do levantamento das ocorrências, a grande frequência da construção “se não me engano”, e, portanto ser comprovado a convencionalização da mesma, serão analisados os parâmetros “esquematicidade” e “composicionalidade”, sendo que nesta dissertação não será considerado o parâmetro “produtividade”, pois, como já dito, a pesquisa desenvolvida aqui é sincrônica, e o fator produtividade carece de uma pesquisa diacrônica.

O primeiro item refere-se ao parâmetro esquematicidade, pode-se afirmar que há um continuum entre expressões idiomáticas preenchidas lexicalmente e esquemas altamente abstratos. Expressões idiomáticas preenchidas lexicalmente referem-se ao nível da microconstrução, como é o caso da expressão “se não me engano”. Já esquemas altamente abstratos referem-se ao nível da macroconstrução.

Segundo Traugott (2008) as macroconstruções são os esquemas de nível mais abstrato, mais genérico; as mesoconstruções são construções relacionadas, porém abstratas, que possuem semelhança com as microconstruções e as microconstruções, por fim, representam tipos individuais de construção.

Assume-se a construção “se não me engano” como uma expressão idiomática preenchida lexicalmente, com forma fixa e slots totalmente preenchidos, por isso, admite-se que a mesma está no domínio da microconstrução, como no esquema representado a seguir:

Figura 3: A esquematicidade da construção “se não me engano”



Fonte: Elaboração própria

No nível microconstrucional tem-se a construção “se não me engano”, cujas ocorrências, denominadas tokens, são entendidas como constructos. Já no nível mesoconstrucional, tem-se as construções menos esquemáticas (abertura de apenas alguns slots) com função ou forma semelhante à microconstrução “se não me engano”. Por fim, no último nível – macroconstrução – refere-se ao esquema abstrato da construção.

Porém a fim de confirmar se a construção “se não me engano” trata-se, no âmbito da esquematicidade, de uma microconstrução, como assumido acima, testar-se á a seguir os parâmetros propostos por Traugott (2008):

- I. Numa microconstrução não há mobilidade de seus constituintes.
- II. Numa microconstrução não há a possibilidade de variações sintáticas de seus constituintes.

Para a análise dos parâmetros, veja o exemplo abaixo:

(78) “FORTUNATO - Eu lhe conto o que me aconteceu. Foi também, se não me engano, em uma festa do Espírito Santo...”. (18:França:Direito)

De acordo com os parâmetros propostos por Traugott (2008) na ocorrência (78) a mobilidade e a variação sintática dos constituintes implica diretamente mudança no sentido convencionalizado entre os falantes e concepção de que a construção “se não me engano” não pertence ao nível das microconstruções. A seguir move-se os constituintes da construção “se não me engano”, bem como simulou-se a variação sintática dos mesmos, para que seja

possível averiguar se a construção permite a mobilidade e a variação sem a perda da significação convencionalizada (modalizador epistêmico).

(78a) “FORTUNATO - Eu lhe conto o que me aconteceu. Foi também, se não engano-me, em uma festa do Espírito Santo...”. (18:França:Direito)

(78b) “FORTUNATO - Eu lhe conto o que me aconteceu. Foi também, não se me engano, em uma festa do Espírito Santo...”. (18:França:Direito)

(78c) “FORTUNATO - Eu lhe conto o que me aconteceu. Foi também, se não me enganei, em uma festa do Espírito Santo...”. (18:França:Direito)

(78d) “FORTUNATO - Eu lhe conto o que me aconteceu. Foi também, se não me enganaram, em uma festa do Espírito Santo...”. (18:França:Direito)

Na simulação acima fica claro que a construção “se não me engano” não permite a mobilidade dos constituintes, assim como não permite a variação sintática deles, pois com a mudança nos constituintes há a alteração da significação; em outras palavras, a mudança na forma altera o sentido. Portanto, conclui-se que “se não me engano” atende ao parâmetro esquematicidade, localizando-se nas microconstruções.

Neste sentido, novamente, confirma-se a convencionalização da construção, pois, compreende-se que quanto mais convencionalizada uma construção, maior esquematicidade apresenta, e sendo altamente esquemática, a mobilidade e a variação dos constituintes se tornam impossíveis.

O segundo fator a ser analisado sobre a convencionalização trata da redução da composicionalidade, que relaciona-se ao grau de transparência do pareamento da forma e do significado de uma construção. Numa construção os aspectos da forma ou da função não podem ser previstos a partir das partes constituintes da construção. Ou seja, a função de modalizador epistêmico e a forma esquemática “se não me engano” não pode ser prevista a partir dos elementos “se”, “não”, “me”, “engano” isolados.

Nota-se que se observar separadamente os componentes que formam a construção “se não me engano” não pode-se prever a construção – a forma fixa, e muito menos a função – o significado – de modalizador epistêmico convencionalizado entre os falantes.

Pode-se concluir que a construção em análise demonstra redução da composicionalidade, pois as partes integrantes da construção, quando isoladas, não predizem a função de modalizador e a forma cristalizada e esquemática. A seguir colheu-se do *corpus* do português ocorrências com elementos constituintes da construção “se não me engano” isolados:

(79) “Se você utilizar a estrada além da extensão vai encontrar outros pedágios”.
(19Or:Br:Intrv:Cid)

(80) “O sindicato hoje não pode se organizar no local de trabalho, parando no portão”.
(19Or:Br:Intrv:Cid)

(81) “queria ver o sol nascer na rua, mas meu pai me obrigou a entrar”. (19Or:Br:Intrv:Com)

(82) “Investe-se menos em livros e eventos literários porque os governos pensam que o retorno político não compensa, o que é um enorme engano”. (19Or:Br:Intrv:Com)

(83) “foi da polícia (inint.) parece, se não me engano, coronel” (DID 234)

Em (79-83) nota-se que os elementos “se”, “não”, “me”, “engano” em nenhum momento predizem a forma esquemática da construção “se não me engano” e, nem ao menos, o significado convencionalizado de modalizador epistêmico transmitido em (83), cujo falante não avalia o conteúdo enunciado (alguém ter sido coronel na polícia) como verdadeiro, pelo contrário, o enunciado é colocado no nível da incerteza. Assim, novamente, confirma-se a construção “se não me engano” como convencionalizada entre os falantes como um modalizador epistêmico, já que atende ao proposto por Traugott (no prelo, in Oliveira, 2013).

Conclui-se com a análise da esquematicidade e da composicionalidade que a construção “se não me engano” está convencionalizada entre os falantes. Apesar da não verificação do parâmetro “produtividade” pode-se assumir a construção como convencionalizada, uma vez que pode-se ver o resultado da mudança quando as construções começam a ser atestadas, utilizadas no lugar de outras construções já pré-existentes (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), em outras palavras, é possível observar a mudança e, portanto, a convencionalização de uma construção, quando ocorre o que foi visto em “se não me engano”: apesar de existir construções semelhantes na língua para transmitir a significação de modalizador epistêmico,

como “se não me falha a memória”, “se não estou em erro”, “se não estou enganado”, o falante utiliza a construção “se não me engano”, e ainda como um esquema não composicional.

Ademais, segundo Bybee (2010), elementos lexicais sequenciados tendem a formar unidades linguísticas mais complexas, sendo que a repetição e frequência de determinada estrutura faz com que a construção seja compreendida como um esquema (chunking) entre os falantes, ou seja, que seja convencionalizada.

Observou-se, nesta seção, que a estrutura “se não me engano” trata-se de uma construção, pois está enraizada na mente dos falantes como um esquema não composicional, sendo que o aumento da esquematicidade está ligado a forma fixa da construção e a não mobilidade e variação sintática de seus constituintes; e a redução da composicionalidade à perda de autonomia e acessibilidade individual dos elementos que constituem a construção. Além do fator relevante para a convencionalização: os falantes utilizam a construção “se não me engano” com maior frequência do que outras expressões semelhantes, o que indica a convencionalização da construção em estudo.

Cabe, ainda, mencionar que a redução da composicionalidade e o aumento da esquematicidade e da produtividade são característicos da construcionalização, e esta, por sua vez, refere-se a micro passos graduais de mudança, portanto, assume-se o interesse do desenvolvimento de uma futura investigação sobre a construcionalização – no que tange a seguinte questão: “a construção “se não me engano” sofreu ou vem sofrendo construcionalização?”, bem como pretende-se, analisar o parâmetro produtividade.

A análise desenvolvida nesta dissertação evidencia que a estrutura "se não me engano" pode ser analisada como um modalizador epistêmico. No uso pelos falantes, verificou-se a incompatibilidade entre a semântica da construção convencionalizada e a função tradicionalmente concebida (condicionalidade), desse modo, a função tradicional é substituída por uma nova função, a de modalizador epistêmico.

Afinal, a estrutura não atende a maioria dos parâmetros de condicionalidade, expostos por Dancygier (1998): não apresentando relação de causalidade, não apresentando uma relação de predição, ou seja, sequencialidade (ordenação temporal dos eventos), além de não se capaz de criar espaços mentais, não atendendo também ao parâmetro postura epistêmica, uma vez que a conjunção “se” presente na construção “se não me engano” não indica postura epistêmica neutra ou negativa, como defendido por Dancygier e Sweetser (2005). O único parâmetro de condicionalidade atendido foi o parâmetro denominado “não assertividade”, isto aconteceu devido a presença da conjunção condicional “se”, já que a mesma expressa não

assertividade. Dessa forma, constatou-se, por meio da análise, que a construção “se não me engano” não integra a categoria das condicionais, atuando funcionalmente semelhante aos modalizadores epistêmicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral a investigação da construção “se não me engano”, a fim de comprovar que a função convencionalizada entre os falantes, conforme a abordagem construcional (Traugott e Trousdale, 2013), distancia-se da significação de condicionalidade e se aproxima da zona dos modalizadores epistêmicos. Busca-se, nesse sentido, atender aos objetivos específicos, como a (i) análise da construção “se não me engano” a partir dos parâmetros definidores de condicionalidade propostos por Dancygier (1998) – causalidade, não-assertividade, predição, distância epistêmica e espaços mentais – a fim de verificar se a estrutura os atende, (ii) investigação das características prototípicas dos modalizadores epistêmicos, para averiguar se a construção em estudo trata-se de um mecanismo utilizado pelo falante para não se comprometer com a proposição enunciada, (iii) verificação, conforme a teoria da construcionalização (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), da possibilidade de “se não me engano” tratar-se de um pareamento de forma e significado, ou seja, de uma construção, (iv) observação da existência de algum passo gradual de mudança (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) na construção, (v) averiguar se a função de modalizador é alterada conforme a ordem da construção quanto a oração núcleo – anteposta, intercalada ou posposta e (vi) levantar se houve a convencionalização da construção “se não me engano” como um modalizador epistêmico. Os objetivos específicos foram traçados a partir das seguintes hipóteses: (i) a função da construção está no âmbito dos modalizadores epistêmicos, portanto (ii) a construção não atende aos parâmetros definidores de condicionalidade, (iii) a mesma sofreu mudança construcional característica pela perda do pronome “eu”, (iv) a posição da construção quanto a oração núcleo não influencia no significado de modalizador epistêmico, e (v) a convencionalização do “se não me engano” é verdadeira, uma vez que há alta frequência da construção, e, principalmente, a não composicionalidade e a relação forma e significado.

Tais hipóteses, como demonstradas nesta dissertação, confirmaram-se, pois, conforme os objetivos apresentados, descobriu-se que a construção “se não me engano” não atende à maioria dos parâmetros de condicionalidade, e sobretudo, não atende ao principal parâmetro, a causalidade, uma vez que não há relação de causa-consequência entre p e q nas orações com “se não me engano”.

No entanto, verificou-se que a construção apresenta características de modalizador epistêmico, funcionando semelhantemente a modais do tipo “parece que” e “acho que”, o falante ao utilizar “se não me engano” busca colocar o enunciado no nível da não-certeza,

julgando, portanto, o conteúdo do enunciado como incerto. Concluiu-se que a referida construção pode-se confirmar como um modalizador epistêmico, já que manifesta-se epistemicamente por meio da incerteza transmitida nas proposições cuja a mesma integra, relacionado a essa manifestação. Em suma, a construção “se não me engano”, assim como “acho que” indicam modalização epistêmica, ou seja, o modo pelo qual o falante se relaciona com o enunciado, o falante faz uso das construções com objetivo de fugir, de não se comprometer com a veracidade da informação transmitida.

Sobre a estrutura tratar-se de uma construção, constou-se que a mesma é um pareamento de forma e significado, cuja forma é esquemática (se+não+me+engano) e o significado (modalizador epistêmico) estritamente ligado a ela. Porém para confirmá-la como uma construção, foi necessário o levantamento da frequência de “se não me engano” e de outras estrutura semelhantes, a fim de investigar se a construção está convencionalizada entre os falantes, sobre este parâmetro, percebeu-se que a construção está enraizada na mente dos falantes como um pareamento de forma e significado, sendo selecionada com maior frequência do que outras estruturas semelhantes (se não me falha a memória, se não estou enganado, se não estou em erro).

Conclui-se por meio da análise do parâmetro convencionalização, que a redução do pronome “eu” na construção em estudo trata-se de um passo gradual de mudança, afinal, há a preferência dos falantes pela construção “se não me engano”, ou seja, sem o pronome “eu”.

Ademais, ainda sobre a condicionalidade, viu-se com a análise do parâmetro relacionado à posição da construção (anteposta, intercalada ou posposta) que “se não me engano” não atende ao proposto sobre a posição das condicionais e sobre o princípio da iconicidade, uma vez que predominam a posição intercalada e posposta, diferentemente das condicionais prototípicas, em que há a preferência pela posição anteposta, conforme o princípio de ordenação linear em que os elementos são ordenados numa oração conforme a relação causa e consequência.

O estudo realizado nesta dissertação aponta para um interessante assunto, no que tange a abordagem construcional – a construcionalização, pois, considerando que a perda do pronome “eu” na construção “se eu não me engano” trata-se de um passo gradual de mudança, e considerando que passos graduais de mudança levam à construcionalização, supõe-se que a construção em estudo está sofrendo ou já sofreu o processo de construcionalização. Essa investigação merece detalhamento e aprofundamento, o que será realizado em estudos posteriores. Espera-se também que esta pesquisa contribua para pesquisas futuras que se valham do paradigma funcionalista, e, sobretudo, da abordagem construcionista.

REFERÊNCIAS

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CASTILHO, A. & D. PRETI. *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo: Elocuções Formais*, vol 1. SP: T. A. Queiroz & FAPESP, 1986.

COHEN, L. J. *Some remarks on Grice's views about the logical particles of natural languages*. In: DANCYGIER, B. *Conditionals and predication* (Cambridge Studies in Linguistics). Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

CORACINI, M. J. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: Educ; Campinas: Pontes, 1991.

COMRIE, B. *Conditionals: a typology*. In: TRAUGOTT, E. C. et al. (Eds.) *On Conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 77-99

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. *A manifestação da modalidade epistêmica: um exercício de análise nos discursos do ex-presidente Collor*. Araraquara, 1995. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista.

_____. *Uma investigação funcionalista da modalidade epistêmica*. In: NEVES, M. H. M. (Org.) *Descrição do português: definindo rumos de pesquisa*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2001.

_____. *Modalidade e evidencialidade: forma e função: relatório científico*. São José do Rio Preto: FAPESP/UNESP, 2001.

_____. *Uma análise funcional da modalidade epistêmica*. Alfa – Revista de Linguística, São Paulo: UNESP, v. 40, n. 1, p. 151-173, 1996.

DANCYGIER, B. *Conditionals and predication* (Cambridge Studies in Linguistics). Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

_____. *Constructions with if, since and because: Causality, epistemic stance and clause order*. In: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMAN, B. (Org.). *Cause, Condition, Concession, Contrast: Cognitive and Discourse Perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.

DANCYGIER E SWEETSER, *Mental Spaces in Grammar: Conditional Constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____. E. *Conditionals, Distancing, and Alternative Spaces*. In: Goldberg, A. *Conceptual structure, discourse and language.*, Stanford, California: CSLI Publications, 1996.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces: Aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: MIT Press, 1985

_____. *Mappings in thought and language*, 1997. In FERRARI, L.V. Os parâmetros básicos da condicionalidade na visão cognitivista. *Revista de Estudos linguísticos, Juiz de Fora, EDUFJF*, v. 4, n. 1, p. 21-30, jan./jun. 2000.

_____. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FERRARI, L. V. *Os parâmetros básicos da condicionalidade na visão cognitivista*. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora, EDUFJF*, v. 4, n. 1, p. 21-30, jan./jun. 2000.

_____. *Construções gramaticais e a gramática das construções*. *Scripta, Belo Horizonte*, v.5, n.9, p.143-150, 2001.

_____. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. *Semântica Objetivista ou semântica cognitiva? Implicações do modelo semântico na análise de condicionais*. *Gragoatá (UFF)*, v. 38, p. 142, 2015.

FERREIRA, M. B. F. *Cláusulas condicionais: uma abordagem funcional-discursiva*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

FILLMORE, C. J. *Epistemic stance and grammatical form in English conditional sentences*. In: ZIOLKOWSKI, M.; NOSKE, M.; DEATON, K. (Org.). *Papers from the 26th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1990.

GIVÓN, Talmy. *The genesis of syntactic complexity: diachrony, ontogeny, neurocognition, evolution*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009.

_____. *Functionalism and grammar*. New York. Academic Press, 1995

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. *Constructional polysemy and conventionalization: the case of ditransitive construction*. *Revista do Gel*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 77-99, 2013.

GONÇALVES, S.C. L. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*, 2003. Tese – Instituto de Estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

HAIMAN, J. *The iconicity of grammar: isomorphism and motivation*. In: DANCYGIER, B. *Conditionals and predication (Cambridge Studies in Linguistics)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

HIRATA, F. B. M. *Orações condicionais: contínuo semântico-pragmática*. *Revista Estudos Linguísticos*, p. 1-10, 2001.

HIRATA, F. B. M. *A hipotaxe adverbial condicional no português escrito contemporâneo do Brasil*. Araraquara, Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP, 1999.

HIRATA-VALE, F. *A expressão da condicionalidade no Português escrito do Brasil: contínuo semântico-pragmático*. Araraquara, 2005. (Tese de doutorado).

LEITE, A. M. P. C. *A modalização deôntica no discurso jurídico*. São José do Rio Preto, 2002. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista – Campus de São José do Rio Preto.

NEVES, M. H. M. *A modalidade*. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça. (Org.). Gramática do português falado. v. 6. Campinas: UNICAMP, 1997, p. 163- 194.

NEVES, M. H. M. *A general view of functional grammar*. Alfa, São Paulo, v. 38, p. 109-127, 1994.

_____. (2010). *Ensino de língua e vivência de linguagem*. Temas em confronto.. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

_____. *A modalidade*. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (org) Gramática do português falado. Campinas: Unicamp/FAPESP, v. 6, 1996.

_____. Gramática de usos do português. São Paulo, Editora da UNESP, 2000.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *As construções condicionais*. In: _____ (Org) Gramática do português falado. Novos estudos. V. VII. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1999.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997b

OLIVEIRA, T. P. ; HIRATA-VALE, Flávia Bezerra de Menezes . *Uma tipologia da oração condicional segundo a Gramática Discursivo Funcional*. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978) , v. 40, p. 196-206, 2011

OLIVEIRA, M. R. *Gramaticalização de construções como tendência atual dos estudos funcionalistas*. São Paulo, Estudos Linguísticos, p. 148-162, 2013.

PROJETO NURC. *Projeto norma linguística urbana culta do Rio de Janeiro*. Disponível em: <<http://www.letas.ufrj.br/nurc-rj/>>. Acesso em: 10 de jun. 2016.

SWEETSER, E. *From Etymology to Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

_____. *Grammaticalization and construction grammar*. Studies in Historical Linguistics, v. 1, p. 235-264, 2008.

_____. *All that he endeavoured to prove was: On the emergence of grammatical constructions in dialogal and dialogic contexts*. In: Oliveira, M. R. Gramaticalização de construções como tendência atual dos estudos funcionalistas, São Paulo, Estudos Linguísticos, p. 148-162, 2013.